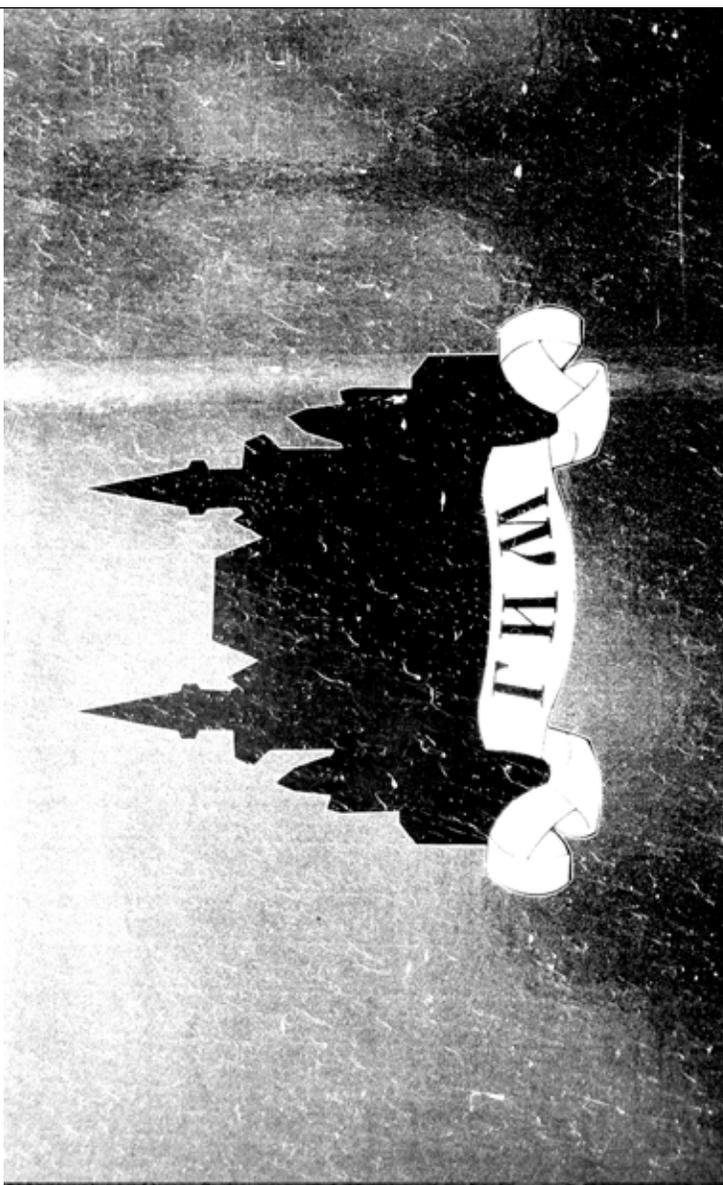
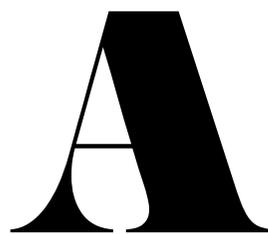


SUPPLEMENT G

Belo Horizonte, Maio/Junho de 2017
Edição nº 1.372
Secretaria de Estado de Cultura





A mineira Adélia Prado foi a grande vencedora do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2016 na categoria Conjunto da Obra, coroando uma carreira iniciada nos anos 70 e reconhecida internacionalmente. Este número do **Suplemento Literário de Minas Gerais** presta a ela, e aos vencedores das demais categorias — Sílvio Rogério Silva (Ficção), Tadeu de Melo Sarmiento (Poesia) e Jonathan Tavares (Jovem Escritor Mineiro) —, nossa homenagem.

A poesia feita por mulheres também é destaque nesta edição através da entrevista concedida a Ana Elisa Ribeiro e Diana Araújo Pereira pela colombiana Lena Reza García, que há 23 anos coordena o Encontro Nacional e Internacional de Mulheres Poetas na pequena cidade de Cereté, na Colômbia caribenha, e no ensaio sobre Carla Diacov feito pelo também poeta Candido Rolim. E a feita por homens também se faz presente nos poemas de Marco Antônio de Menezes, de Diniz Gonçalves Júnior e do inglês Thomas Gray, em tradução de Jaques Mario Brand.

Os contos do mineiro Francisco de Moraes Mendes, do paulista Antônio Geraldo Figueiredo Ferreira e do baiano Rafael Rodrigues mostram a diversidade da prosa nacional, que também é estudada por Lino de Albergaria sobre a extraordinária obra do contista sergipano Antonio Carlos Viana, recentemente falecido.

O desenho da capa é do artista plástico Mário Azevedo.

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretário Adjunto de Estado de Cultura
Subsecretário de Imprensa Oficial da Secretaria de Estado
de Casa Civil e Relações Institucionais
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Fernando Damata Pimentel
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
João Batista Miguel
Tancredo Antônio Nunes

Lucas Guimaraens

Suplemento Literário

Diretor
Coordenador de Apoio Técnico
Coordenador de Promoção e Articulação Literária
Projeto Gráfico
Escritório de Design
Diagramação
Conselho Editorial

Equipe de Apoio

Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Plínio Fernandes
Gíria Design e Comunicação
Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Flávia Souza.

Jornalista Responsável
ISSN: 0102-065x

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

SUPLEMENTO



Capa: Mário Azevedo

O SUPLEMENTO é
impresso nas oficinas da
Imprensa Oficial do Estado
de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br



PRÊMIO
GOVERNO DE
MINAS GERAIS
DE LITERATURA
2016

Os vencedores do

**PRÊMIO
GOVERNO
DE MINAS
GERAIS DE
LITERATURA**

A obra da escritora mineira Adélia Prado foi a vencedora do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2016. Primeira mulher a ganhar este prêmio, ela é autora de livros como *Bagagem*, *O coração disparado*, *Oráculos de Maio* e *Solte os cachorros*. Criado em 2007 com o objetivo de premiar trabalhos de ficcionistas e poetas de todo o Brasil e de iniciantes no ofício residentes em Minas, o concurso já homenageou, na categoria Conjunto da Obra, nomes como Fábio Lucas (2015), Ferreira Gullar (2013), Rui Mourão (2012), Affonso Ávila (2011), Silviano Santiago (2010), Luís Fernando Veríssimo (2009), Sérgio Sant'Anna (2008) e Antonio Candido (2007).

Concorreram a esta versão do Prêmio 143 livros de poesia, 64 de ficção, enviados de diversos pontos do país, além de 14 projetos de obra de jovens escritores mineiros.

Nas páginas seguintes, o leitor confere um pouco da obra dos vencedores de 2016. A edição traz um poema da homenageada Adélia Prado e os depoimentos dos premiados Silvio Rogério Silva (Ficção), Tadeu de Melo Sarmiento (Poesia) e Jonathan Tavares Diniz (Jovem Escritor).

PRÊMIO
GOVERNO DE
MINAS GERAIS
DE LITERATURA
2016

CATEGORIA CONJUNTO DA OBRA

Branca Maria de Paula



ADÉLIA PRADO

A POESIA DA ALMA DE MINAS

No início da década de 70 do século passado, enquanto os bons e os maus costumes sacudiam a cultura global, o poeta Affonso Romano de Sant'Anna recebeu uma encomenda vinda da cidade mineira de Divinópolis. Eram os originais de um livro de poemas da ainda inédita Adélia Prado, intitulado *Bagagem*. Entusiasmado com a alta qualidade do material, o também mineiro Affonso resolveu submetê-lo ao mineiro maior da poesia, Carlos Drummond de Andrade, que, além de dedicar à jovem poeta uma crônica no *Jornal do Brasil* na qual sentenciava que "Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: está à lei, não dos homens, mas de Deus", indicou o livro ao editor Pedro Paulo de Sena Madureira — o quarto poeta neste feliz enredo —, sugerindo sua publicação, o que veio a ocorrer em 1976, quando *Bagagem*, editado pela Imago, marcou a estreia em livro de Adélia Prado. Foi o marco de partida de uma obra que, tecida durante os 40 e poucos anos que se seguiram, seria agora reconhecida com a conquista do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2016.

Adélia Luzia Prado, a cujo nome acrescentaria Freitas quando se casou com o bancário José, nasceu na mesma Divinópolis onde ainda hoje mora no dia 13 de dezembro de 1935. Seus primeiros versos foram escritos em 1950, quando concluía o curso ginásial. Depois de se formar na Escola Normal Mário Casasanta, passou a lecionar no Ginásio Estadual Luiz de Mello Viana Sobrinho. Já casada e com cinco filhos, fez Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis, curso

que completou em 1973, na época em que enviou seus poemas a Affonso Romano de Sant'Anna num gesto que lhe abriria o caminho para o reconhecimento de seu talento, nas palavras do poeta, "a voz mais feminina de nossa poesia".

A obra de Adélia Prado hoje ostenta sete livros de poesia e oito de prosa, por onde espalhou sua escrita carregada da alma do interior mineiro, plena de religiosidade e de erotismo, retratando a província no que tem de místico e natural. Mas não

ficou apenas nos livros. Algumas peças teatrais foram baseadas em seus textos, tendo como ápice o espetáculo "Dona Doida: um interlúdio", montagem de Naum Alves de Souza e encenada pela atriz Fernanda Montenegro. Foi traduzida para o inglês, o espanhol e o italiano e participou de apresentações em diversos países, não tendo nunca deixado sua Divinópolis, de onde brota, em seu cotidiano simples mas carregado de significados, a substância de sua poesia.

A obra premiada

POESIA

Bagagem - 1976
O coração disparado - 1978
Terra de Santa Cruz - 1981
O pelicano - 1987
A faca no peito - 1988
Oráculos de maio - 1999
A duração do dia - 2010
Miserere - 2013
Poesia reunida - 2016

PROSA

Solte os cachorros - 1979
Cacos para um vitral - 1980
Os componentes da banda - 1984
O homem da mão seca - 1994
Manuscritos de Felipa - 1999
Filandras - 2001
Quero minha mãe - 2005
Quando eu era pequena - 2006
Carmela vai à escola - 2011



LINHAGEM

(Adélia Prado)

Minha árvore ginecológica
me transmitiu fidalguias,
gestos marmorizáveis:
meu pai, no dia do seu próprio casamento,
largou minha mãe sozinha e foi pro baile.
Minha mãe tinha um vestido só, mas
que porte, que pernas, que meias de seda mereceu!
Meu avô paterno negociava com tomates verdes,
não deu certo. Derrubou mato pra fazer carvão,
até o fim de sua vida, os poros pretos de cinza:
"Não me enterrem na Jaguará. Na Jaguará, não."
Meu avô materno teve um pequeno armazém,
uma pedra no rim,
sentiu cólica e frio em demasia,
no cofre de pau guardava queijo e moedas.
Jamais pensaram em escrever um livro.
Todos extremamente pecadores, arrependidos
até a pública confissão de seus pecados
que um deles pronunciou com se fosse todos:
"Todo homem erra. Não adianta dizer eu
porque eu. Todo homem erra.
Quem não errou vai errar."
Esta sentença não lapidar, porque eivada
dos soluços próprios da hora em que foi chorada,
permaneceu inédita, até que eu,
cuja mãe e avós morreram cedo,
de parto, sem discursar,
a transmitisse a meus futuros,
enormemente admirada
de uma dor tão alta,
de uma dor tão funda,
de uma dor tão bela,
entre tomates verdes e carvão,
bolor de queijo e cólica.



CATEGORIA POESIA

UM POETA QUE VEIO DO RECIFE

TADEU DE MELO SARMENTO

Começo essa nota biográfica com o trivial: meu nome é Tadeu de Melo Sarmiento e sou natural de Recife, Pernambuco (safra de 4 de março de 1977). Tenho, portanto, quarenta anos de idade. Comecei a escrever por volta dos vinte anos e, salvo um *blog* que mantive na internet e um livro de contos publicado em 2004 por uma editora artesanal de São Paulo que faliu (não por conta do meu livro, que fique claro), escrevi praticamente no anonimato até vencer, em 2014, o II Prêmio Pernambuco de Literatura, com o romance *Associação Robert Walser para sócias anônimos*, lançado no ano seguinte pela Editora Cepe. Curiosamente, eu estava prestes a desistir de escrever e de tentar a sorte dos meus originais em prêmios de inéditos quando a notícia veio me resgatar do lodo da desesperança e da tristeza, dando-me um novo fôlego. É que, até o resultado do II Prêmio Pernambuco, eu havia perdido (chutando por baixo) uns cinquenta outros prêmios iguais, de modo que já considerava a hipótese (bastante plausível) de não escrever bem. Não bastasse, como todo bom pisciano sofredor, dramatizei: cheguei a disponibilizar grande parte dos meus inéditos em um link no *Scribd* e só não tentei o suicídio porque ainda me restava o mínimo senso de humor e do ridículo. Preguiça também; muita preguiça, vocês sabem, de preparar a coisa toda.

Mas 2016 foi um ano muito mais importante para mim, durante o qual defendi minha Literatura como quem defende um defeito ao qual se apegava. E mais:

Em primeiro lugar, 2016 foi o ano em que me mudei para Belo Horizonte, imaginem, para casar com a poeta mineira Adriane Garcia, com

quem namorei por mais de um ano à distância, perdendo à força o meu pavor por aviões. Em segundo lugar porque, com apenas três meses de estadia em BH, recebi a notícia de que havia ganhado o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2016, com meu livro de poemas inéditos *Um carro capota na Lua*. Aliás, foi Adriane quem me deu a notícia do resultado. Eu estava no Recife, viajando a trabalho, quando nossa amiga Ana Elisa Ribeiro viu meu nome no Diário Oficial e contou a ela, que me ligou em seguida. Era noite. Adriane estava em um parque de diversões onde comemorava o aniversário de treze anos de sua filha caçula. Do outro lado da linha, ouvi seus gritos a plenos pulmões (na hora, Adriane voava descabelada em uma xícara-giratória) e demorei a entender o que tinha acontecido. Mas mais que isso: devo o próprio Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura a Adriane que, fufando centenas de páginas de arquivo com meus poemas, escolheu, pacientemente, os melhores, e construiu um livro que valesse a pena ser lido. O título, inclusive, foi sugestão dela, diretamente pincelado de um dos meus versos perdidos, de modo que, sem sua intervenção, meu carro não teria capotado tão longe. É isso o que as grandes mulheres fazem: nos empurram para a frente, na esperança de que não tropeçemos.

Quanto a mim, ganhar um prêmio na categoria poesia em terras de Ricardo Aleixo, Antônio Barreto, Adriane Garcia, Ana Elisa Ribeiro, Bruno Brum (vencedor da edição de 2010) e tantos outros poetas de peso e calibre, é de uma imensa responsabilidade. Logo eu, um alérgico a saraus, poemas empolados e poetas do século XVII escrevendo em pleno século XXI; logo eu, que

costumava brincar com meus amigos poetas sobre essa mania que têm em querer enfiar um “*arrebol*” em tudo que é canto; logo eu, leitor de Witold Gombrowicz, em particular do seu irascível texto “Contra os poetas”, quem diria, iria ganhar um prêmio na categoria poesia em um ano em que perdi todos os demais nos quais escrevi minha prosa. Morri pela boca, como dizem os antigos. Mas morri bem, e para renascer.

E se algum poeta não escreveu isso ainda, reclamo aqui os direitos autorais da seguinte afirmação: “primeiro devemos amar uma mulher; depois, a cidade onde ela vive”. E aprendi a amar Belo Horizonte, com o amor ciumento que só devotamos aos nossos membros amputados. Adoro essa cidade, onde fiz e faço tantos bons amigos diariamente. Adoro a cultura mineira, a culinária mineira, a cachaça mineira, a cerveja artesanal mineira e, sobretudo, a literatura mineira: de Sérgio Fantini a Carlos de Brito e Mello, passando por Francisco de Moraes Mendes a Carlos Herculano Lopes e Eduardo Sabino (autor de um grande livro de contos: *Naufrágio entre amigos*). É entre eles que transito a partir de então; é com eles que dialogo, com os grandes, agora tendo em mãos meu lugar marcado no Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura, que para mim serve tanto como salvo-conduto quanto como carta de recomendações.

Termino a nota um pouco menos trivial que quando comecei: evocando a importância de prêmios do quilate do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura. São verdadeiros incentivos à escrita. Às vezes, prêmios do tipo são a salvação, em tempos cada vez mais sombrios. Foi o meu caso, deve ter sido o caso de muitos.



UM CARRO CAPOTA NA LUA

TADEU SARMENTO

ÉDIPO

A mãe cantava contra as pás do
Ventilador ligado enquanto se perfumava
(Era a sexta do namoro).
Dançava no parapeito da sacada como se
Tomasse atalhos químicos para a felicidade.
Depois saía, os cabelos soltos aspergindo
Canela enquanto o garoto, em casa, a esperava
Esfaqueando ursinhos de pelúcia com olheiras.
Quando voltava, era só para dar de beber ao filho,
Do peito ainda inchado, o sêmen sempre frio
Dos pretendentes.

2666

Sonhou com apicultores no deserto.
Desempregados, embrulhavam pedras
Em jornais do futuro. Depois, viu casais
Procurando bancos de praça para namorar.
Uma índia depilava-se com o fêmur afiado de um macaco.
Então o sol, a tela de cinema, zumbis com protetor 99,
Os patíbulos. Um Camaro se aproxima, freia para
Pedir informações. O motorista é Arturo Belano. No banco
De trás, Roberto Bolaño aponta uma arma para o poeta concreto
Haroldo de Campos que, amarrado, amordaçado, sabe que morrerá.
Indica a Bolaño a melhor rota para quem quer desovar um concreto.
O calor está insuportável no deserto do seu sonho.
Olha para o céu e vê paraquedistas descendo
Com potes de mel nas mãos.

WALITA

Casou-se no civil com sua bomba
De sucção peniana. Entrou na justiça
No dia 12 do corrente pelo direito
De consumir matrimônio também
No religioso, assim como K Dick
Exigiu diante dos blade runners.
Em entrevista, alegou querer celebrar
A união na exata igreja onde seus
Pais se casaram, esta mesma,
Que fica ao lado de uma assistência
Técnica para eletrodomésticos,
E próxima ao cine drive-in que
Aos sábados,
Exibe filmes de ficção: científica
E pornográfica.

FUSO-HORÁRIO

Um astronauta deixa a discoteca em
Jet-lag ainda lunar, como se pisasse
Sobre escadas-rolantes de gelo vivas.
Dançou a noite inteira (o estrobo espocava)
Com uma bailarina de corubas luminosas
Nas pernas, cujos cabelos brilhavam no gelo
Seco tipo o alumínio brilha no forro das
Naves espaciais. Findaram a noite fodendo
– Eletricamente –
Atrás de um écran que exibia 2001, enquanto
Ouviam a valsa de Strauss ecoando de dentro
Do observatório.



CATEGORIA FICÇÃO (ROMANCE)

A RECICLAGEM CONSTANTE DA VIDA

SÍLVIO ROGÉRIO SILVA

Segundo dos cinco filhos do casal de alagoanos Paulo de Araújo e Maria José Silva, eu nasci na cidade de São Paulo, em 1963. Sempre fui um estudante mediano, mas, por um motivo ou por outro, acabei sendo reprovado na quinta série do ensino fundamental, o que me obrigou, para ter recursos com que conviver com a decepção da minha mãe, a me tornar, da noite para o dia, no cínico que sou até a presente data. Esclareço que minha mãe sobreviveu ao incidente por quase quarenta anos, mas morreu ainda afirmando que a minha reprovação na quinta série se deveu a uma nefrite, inflamação dos rins, doença que só me afetaria de fato um ano mais tarde.

Casei-me em finais da década de oitenta e tive a minha única filha em inícios da década seguinte. Cheguei a frequentar, na juventude, os cursos de biblioteconomia (Eca - Usp) e Ciências Sociais (Escola de Sociologia e Política de São Paulo), mas não os concluí. Se não me falha a memória, o primeiro livro que li por iniciativa própria, aos dezessete anos, foi *Chapadão do Bugre*, do escritor Mário Palmério, escolhido exclusivamente por causa da bela capa, emprestado junto à biblioteca da famosa Escola Estadual Professor Alberto Conte, onde fiz meu segundo grau. Fui bancário de 1980 até 1991 e sou funcionário público desde então.

Em meados de 2002, novamente devido a uma infecção dos rins, fui obrigado a me recolher em repouso e resolvi escrever um livro, para passar o tempo. O romance, que tratava do caso de amor entre um advogado da periferia e uma jovem drogada, saiu desfigurado de tão ruim, mas me serviu (e ainda serve) como fonte de inspiração, pois já escrevi, a partir dele, mais de oitenta contos e pelo menos outros três romances. De maneira que considero o meu estilo como uma espécie de reciclagem constante de mim mesmo, mas prefiro não ter de explicar tamanha liberalidade (ou idiossincrasia).



Quanto às influências, considero-me discípulo do rádio, pois nada pode ter me influenciado mais do que a música popular, já que foi ela quem embalou meus sonhos e minha vigília, dia e noite, muito mais do que qualquer outra forma de literatura. É claro que vários escritores, dos grandes e dos pequenos, impressionaram-me em diversos graus, mas a minha forma de pensar e, por consequência, de escrever está diretamente ligada ao lirismo da canção nacional e, inclusive, da estrangeira. Quantas vezes não tive, por não saber inglês ou outra língua qualquer, que imaginar o enredo da música que estava ouvindo. E quantas não fiquei decepcionado comigo

mesmo ou com o autor, ao verificar na tradução que a minha versão ou a dele estava muito inferior às suas supostas possibilidades?

Trocando em miúdos, eu não passo hoje de um triste herdeiro da música popular que, correndo o risco de parecer arrogante, pretende, depois de aposentado, fazer carreira na literatura. Ou, em outras palavras, sou alguém que, incapaz de manusear minimamente qualquer instrumento musical, ainda assim sonha em compreender os sons e os sentidos das duzentas palavras que pensa conhecer e em arrebrantar num próximo presuntivo baile de carnaval.

A FLORESTA NO FIM DA RUA

(TRECHO DO ROMANCE)

Quando o meu irmão — que me acolheu em sua casa agora, depois do meu divórcio — estava com dez ou onze anos de idade, aconteceu uma tragédia na família, dessas que marcam uma pessoa pelo resto da vida.

Era carnaval. Lembro disso porque as imagens do desfile das escolas de samba na televisão ficaram associadas, na memória, ao dia em que minha família começou a desmoronar de vez. Nós sabíamos, por uma espécie de instinto primitivo, que, com o avançar da madrugada, as câmeras iriam flagrar em close mais seios nus e virilhas depiladas, e que aquelas pessoas irreais, cobertas de brilho, iriam dançar para nós e mandar, com uma piscadela de olho, um beijo na ponta dos dedos. Por isso, mesmo depois da mãe ter pegado firme no sono, nós nos recusamos a dormir e meu irmão, com uma das mãos enfiada na bermuda, cabeceava lutando contra o cansaço.

Nós morávamos, então, em dois cômodos de alvenaria que meu pai tinha construído sozinho, num loteamento clandestino muito afastado do centro da cidade. A nossa casa era a antepenúltima da rua, antes dela terminar na rocha gigantesca de uma floresta densa, resquício da Mata Atlântica, cheia de perigos

Não era só a escuridão
enquadrada pela janela da
cozinha que cedia a tons
mais claros, alaranjados.
Uma brisa
suave fez tremer a
cortina e, apurando bem
os ouvidos, uma algazarra
de pássaros famintos
brotava do fim da rua,
da floresta adjacente.

e mistérios onde eu, certa vez, numa excursão solitária, tinha me deparado com o enorme sorriso amarelo de um cavalo morto.

Naquele dia de carnaval, o pai, que era bombeiro hidráulico numa indústria de cosméticos,

tinha avisado que talvez não voltasse para casa, pois poderia ter de dobrar o turno para cobrir a ausência de um colega no período noturno. Era mais um motivo para eu e meu irmão não desgrudarmos do aparelho de tevê.

Perdemos a noção da hora. Cochilei várias vezes, sempre embalado pela percussão desenfreada das baterias, apesar de ter abaixado o volume da televisão ao mínimo, para não incomodar a mãe. Mais de uma vez vi meu irmão despertar sufocado e virar a cabeça procurando por mim, para saber se eu ainda estava acordado, sem tirar a mão do short. O calor infernal dentro da casa e o cheiro de ar já respirado tornavam o cômodo insuportável, a ponto de me fazer sentir um grande alívio quando, depois de um cochilo um pouco mais longo, abri os olhos e percebi o dia amanhecendo. Não era só a escuridão enquadrada pela janela da cozinha que cedia a tons mais claros, alaranjados. Uma brisa suave fez tremer a cortina e, apurando bem os ouvidos, uma algazarra de pássaros famintos brotava do fim da rua, da floresta adjacente. No quadrante da tela da tevê, por detrás dos chuveiros de interferência na imagem, a última escola tinha acabado de entrar na avenida e os puxadores do samba, negros vestindo ternos

dourados, salpicados de lantejoulas, marchavam meio isolados, separados da onda pulsante da multidão.

Fui para o quintal lavar o rosto na torneira do tanque. O bairro parecia flutuar em outro tempo, remoto e tranquilo. Nas plantas do canteiro grudado ao muro e nos ferros da grade do portão, rebrilhavam gotículas de orvalho. A rua ainda estava deserta, calma, mas chegavam de longe as vozes da cidade, o rumor do trânsito, os cães latindo, uma ou outra pessoa arrastando os pés pela calçada, colocando o lixo para fora. É que o dia, por mais insone que tenha sido a madrugada, já tinha começado.

Nem pensei no meu pai. Peguei uma nota de dinheiro na gaveta dos remédios e observei a respiração da mãe e do caçula por um segundo, para ter certeza de que estavam dormindo em paz. O menino, que era lindo naquela época, ronronava suave, quase sorrindo, sobre o tapete do chão, como se tivesse suportado uma agonia deliciosa e quisesse agora se recuperar. A mãe dormia encolhida, fechada como sempre, as duas mãos presas entre as coxas e metade do busto querendo escapar do sutiã.

Encostei a porta com todo o cuidado e tomei o rumo da padaria, no sentido oposto ao da algarra dos pássaros da floresta. Enfiei pela rua na direção da avenida e do asfalto. Cruzei com algumas poucas pessoas, que pareciam tão sonâmbulas quanto eu, pois também deviam ter passado a noite na frente da televisão, mas tive a impressão de que uma ou outra me olhava de um jeito perturbador, incrédulo e até mesmo indignado, tanto que abaixei a cabeça discretamente, sem deixar de andar, para verificar se a minha bermuda não teria, porventura, alguma mancha de tesão.

Na rua de baixo, no entanto, um rapaz que os garotos da minha idade consideravam adulto, mas que passava o dia inteiro empinando pipas com uma dedicação quase profissional e que nunca tinha falado comigo antes, me cortou o caminho, meio sem fôlego, como se tivesse corrido para me alcançar. Percebi na sua cara a satisfação de quem tem o privilégio de dar uma notícia grave em primeira mão. Depois de uma pequena pausa, ele, sem tirar os olhos de um papagaio de papel que rodopiava grudado

Iniciei o retorno
olhando para o chão e
só pensava no papel que
me caberia desempenhar
dali por diante. Não
me recordo de ter tido
nem por um segundo
a esperança de que
houvesse algum engano
em tudo aquilo.

aos fios de alta tensão, começou a falar. Disse, dobrando um pouco os joelhos, para ficar da minha altura mas também para recuperar o ar, que o rabecão da prefeitura havia recolhido meia hora antes, na calçada perto da avenida, o corpo de um homem que calçava coturnos de calcanhares amarelos, como os do meu pai, e que ele mesmo não tinha visto o rosto do cadáver, pois a cabeça estava separada do resto do corpo, coberta com jornal, mas teve a impressão, não sabia bem porquê, de que era o mesmo velho que tinha visto em minha companhia algumas vezes.

Nunca cheguei a compreender completamente a frieza que tomou conta de mim e ditou as minhas decisões seguintes. Afastei com a mão o idiota das pipas, atravessei a rua com passos firmes e marchei insensivelmente pelos dois ou três minutos que me separavam da padaria, apesar dos olhares intrigados das pessoas nas calçadas. Depois, fiz meia volta, já com os cinco pãezinhos e o saco de leite debaixo do braço. Iniciei o retorno olhando para o chão e só pensava no papel que me caberia desempenhar dali por diante. Não me recordo de ter tido nem por um segundo a esperança de que houvesse algum engano em tudo aquilo. Mas só fui flechado pelo choque da certeza, que derrubou

no chão os pães e o leite e me convulsionou o íntimo, quando entrei na rua e vi de longe uma viatura policial na frente do nosso portão e um pequeno aglomerado de pessoas cercando a minha mãe, que tapava o rosto com as mãos e ainda vestia os trapos com que costumava dormir.

Nas horas que se seguiram nós soubemos, através dos retalhos de informações que chegavam juntamente com a solidariedade dos vizinhos, que meu pai tinha morrido degolado por causa de uma briga de bar. Disseram que o velho entrou no botequim pouco depois da meia-noite, já bem alterado pela bebida, mas não mexeu com ninguém. Teria cumprimentado o proprietário do ponto e mais um ou outro conhecido e se sentado num canto de onde podia enxergar a televisão, presa na parede por um suporte de metal. Uma hora e meia depois, contudo, começou a discutir com um sujeito que todos conheciam, alcoólatra folclórico do bairro. No início, ninguém levou a coisa a sério, mas quando os dois se engalinharam rolando no chão e gritando palavrões, o dono do lugar resolveu expulsar todo mundo e baixar as portas de aço. Havia outras quatro pessoas no recinto e todas foram unânimes em dizer que a briga começou quando meu pai fez uma piada a respeito dos travestis que desfilavam em close na tevê. Parece que o cachaceiro, em quem ninguém estava prestando atenção, resolveu entrar na brincadeira e fez a insinuação de que meu pai não deveria zombar assim porque tinha um filho igual em casa: afeminado.

P R Ê M I O
GOVERNO DE
MINAS GERAIS
DE LITERATURA
2016

CATEGORIA JOVEM ESCRITOR MINEIRO

UM NOVO AUTOR SE APRESENTA

JONATHAN TAVARES

A literatura que me agrada? Acho que é como o uivo do lobo sem alcateia, ecoando noite adentro, reverberando nos paredões de pedra à espera de ser respondido por outro gemido animal, qualquer um.

Foi principalmente a busca por um bando ao qual pudesse pertencer que me encaminhou aos autores que hoje são meus favoritos. A escrita tem, para mim, esse lugar de união com meus semelhantes — ainda que fale em português, quer ser entendida numa outra língua, nas suas nuances mais discretas. Nabokov fez uma constatação assertiva sobre o assunto: o russo disse que o bom leitor não é aquele que se sente identificado com um ou outro personagem, mas com a cabeça criadora por trás da obra.

Li e reli Nabokov aqui, nesta mesma casa em que hoje habito. Encontrei-o alojado em uma das prateleiras de casa, deixado para trás pelo meu avô, junto com boa parte de seu acervo. Era a clássica capa azul, edição da Biblioteca Folha, e o título me enrubesceu: *Lolita*.

Hoje tenho de cor aquele primeiro capítulo que me deixou extasiado por uns bons minutos. Passei os olhos por ele tantas vezes que quase não consegui chegar ao segundo. Mas cheguei, e mesmo passado um bom tempo — hoje tenho vinte anos, e o li por volta dos doze — faço releituras e o encantamento ainda existe.

Comecei, especialmente por tudo o que li de Nabokov, a me tornar cada vez mais romancista, mas antes disso já rabiscava algumas poesias. Engraçado como a maior parte dos autores começa desse jeito, fazendo versinhos. Os meus eram assim:

*Meus leais camaradas,
Meus parentes de estrada
Habitam em furnas de terra.*

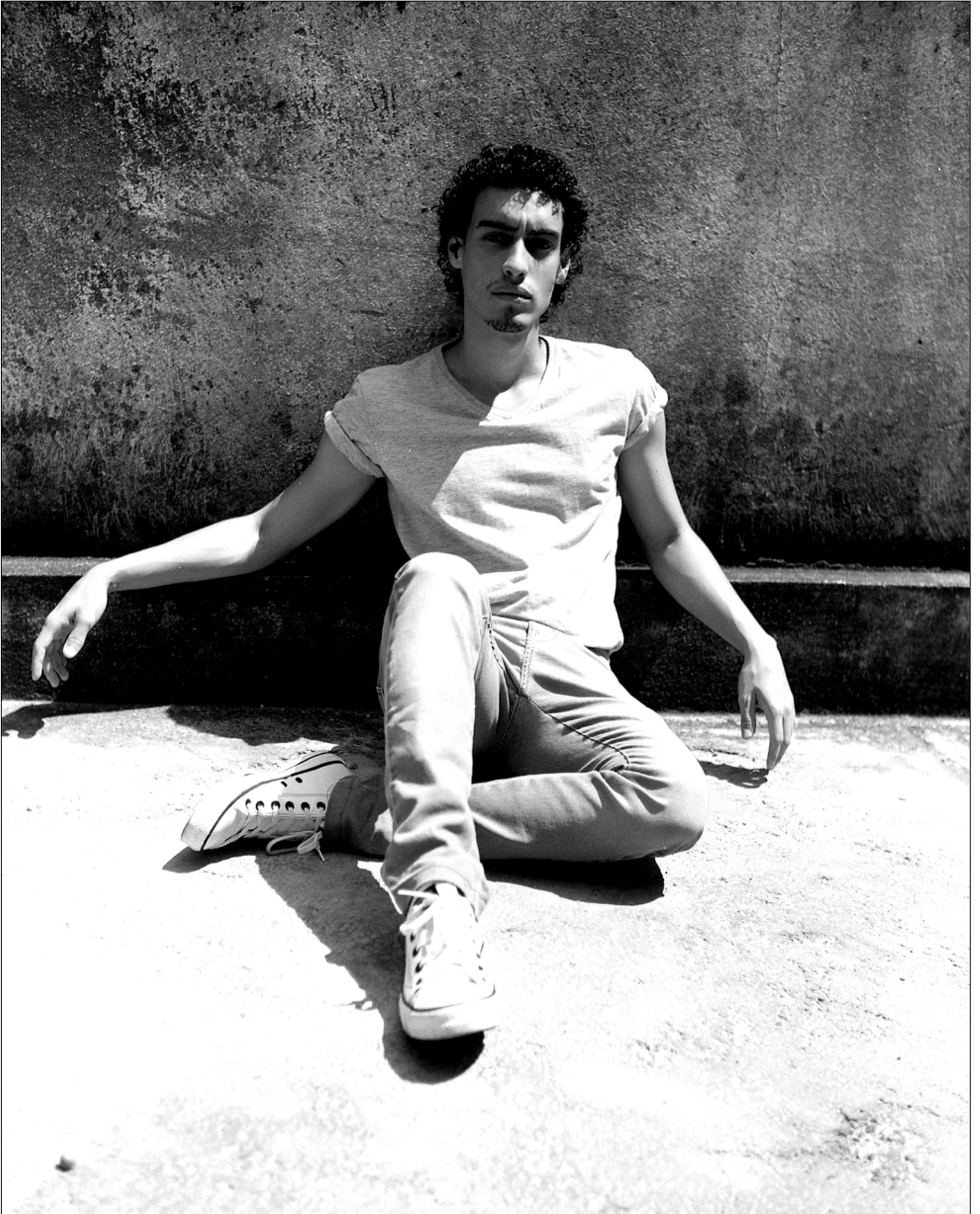
*Sumiram na fumarada,
Morreram na trovoada,
Prestes ao cume da serra.*

Estes eu escrevi quando ainda estava no colégio. Passei o ensino fundamental e o médio na mesma escola militar. Apesar do regimento firme da instituição, tive a sorte de ser lecionado por professores transgressores que me incitaram o interesse pela arte. Assim, os anos militares da minha educação foram também os mais produtivos. Criei uma centena de poesias durante esse período, mas logo vieram os romances e os contos. Na escola, as leituras obrigatórias também foram importantes para a minha formação.

O desejo de encontrar com quem me identificasse resistiu por toda a minha trajetória ginásial e ainda pulsa hoje. Atualmente, sou estudante de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Continuo refém de releituras daqueles mesmos escritores que conheci na adolescência. Mas vieram outros autores na esteira: descobri a prosa de Graciliano Ramos, os devaneios de Clarice Lispector, a poética de Melo Neto e também a Geração Beat, tudo mais ou menos à mesma época. Sylvia Plath e Hilda Hilst escreveram algumas das poesias mais marcantes que já li. Katherine Mansfield é de uma melancolia que me inebria. Dos escritores Beats, precursores da contracultura que deu origem ao movimento hippie anos depois, os que mais me marcam são Ginsberg, Burroughs e Kerouac. Em Ginsberg há alguns dos versos mais potentes da literatura universal:

*Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura,
morrendo de fome, histéricos, nus,
arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada
em busca de uma dose violenta de qualquer coisa,
hipsters
com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato
celestial com o dínamo estrelado na maquinaria
da noite,
que pobres, esfarrapados e olheiras fundas, viajaram fuman-do
sentados na sobrenatural escuridão dos miseráveis
apartamentos sem água quente, flutuando sobre
os tetos das cidades contemplando jazz (...)*



Acredito na escrita como ponto de convergência; é por meio deste canal que pretendi desde sempre achar meu grupo. Perpassa-me constantemente esse mesmo desejo. A vontade é de juntar papel e lápis numa mala, cair na estrada, conhecer as curvas sinuosas do mundo, escalar as encostas eremíticas e do alto ver as cidades todas minúsculas, cair na água gelada das cachoeiras, ver a fogueira arder enquanto eu e o bando bebemos sentados nos capôs dos carros — retornar à cidade, viver a euforia do Centro, despencar de bar em bar e gargalhar em conjunto — bater o texto no computador e então passar o que foi escrito de mão em mão, ouvir a comunidade, defender as pretensões da minha escrita, riscar palavras.

Mas a criação literária é, geralmente, solitária. Neste momento mesmo, estou a sós em meu quarto, o jazz estourando as caixas de som, o café que já parou de fumar repousando na xícara ao lado e a janela aberta para o sol frio da manhã. Quando acabar esta página, não sei a qual mão dar o meu texto. Um escritor fica sequestrado naquilo que ele mesmo escreve quando não há quem leia.

Quando comecei o *Cólera*, meu romance mais recente, o tempo todo minha vontade era comunicar. Não queria perder a beleza das palavras, a estrutura do roteiro, mas precisava ser entendido — ou não valeria de nada falar tanto.

Foi um livro que me deixou tenso desde o início. O narrador, em *Cólera*, é Bartolomeu: um senhor às vésperas de completar meio século e um ano de existência. Divorciado e afincado na profissão de ornamentador funerário (já que detesta ser chamado de “maquiador de cadáveres”), o protagonista não vê alternativa cabível que não o suicídio.

O roteiro para o romance me veio como normalmente acontece: primeiro eu tenho o título, e toda a história se constrói a fim de traduzir as sensações que o título me evoca. Os primeiros capítulos brotaram todos muito rapidamente, foi um mês de intensa produção. Mais ou menos a essa época, decidi submeter o projeto ao Prêmio Minas Gerais de Literatura daquele ano. Quase um ano depois, quando fui nomeado vencedor, eu trabalhava como redator e tradutor de artigos.

Diferindo-se da literatura que faço hoje, no trabalho de redação não havia liberdade criativa — eu falava para empreendedores e gestores, em textos práticos e instrutivos. Experenciar produzir esse tipo de conteúdo me modificou positivamente, porque essa foi a primeira saída para conseguir trabalhar com a escrita. Enfrentar o mercado literário era algo que até então me apavorava.

Enquanto escrevo, seja um artigo técnico ou seja um risco autoral, sempre tenho ao lado meus livros favoritos. Charles Bukowski, García Márquez e Beatriz Bracher ficam aqui, ao alcance da mão e, enquanto digito, cato um deles, abro em uma página qualquer e pego um verbo. Retomo a minha escrita a partir do que foi capturado.

Assim o *Cólera* tem se desenvolvido, com o auxílio desses nomes. Também me ajuda chegar na janela e ver a vida passando lá fora. Nesse romance em especial, gosto de descrever o concreto, as figuras urbanas, o ritmo insano da minha cidade-mãe e as banalidades cotidianas.

Ainda sinto o êxtase por ter sido premiado no Minas Gerais de

Literatura com esse projeto — porque acho que esse reconhecimento será um megafone que permitirá que meu uivo chegue aos ouvidos daqueles que são minimamente parecidos comigo.

O roteiro para o romance me veio como normalmente acontece: primeiro eu tenho o título, e toda a história se constrói a fim de traduzir as sensações que o título me evoca. Os primeiros capítulos brotaram todos muito rapidamente, foi um mês de intensa produção. Mais ou menos a essa época, decidi submeter o projeto ao Prêmio Minas Gerais de Literatura daquele ano. Quase um ano depois, quando fui nomeado vencedor, eu trabalhava como redator e tradutor de artigos.

JONATHAN TAVARES DINIZ

mineiro de Belo Horizonte, é graduado em Psicologia pela PUC Minas. *Cólera*, o romance premiado, será sua primeira publicação.

COIBERBA

JONATHAN TAVARES

Issó é o que cabe saber de mim: não é por necessidade que eu uso estes óculos de pernas bambas na ponte do nariz. É por pura lógica — qualquer intelectual que queira o respeito de seus semelhantes deve ter uns graus de miopia. O problema visual é o estigma do bom artista, assim como o casulo cinzento é o passado de toda borboleta.

Será que isso bastava? Seu questionário já me havia arrancado respostas íntimas da língua, e esperei que a sinceridade calasse o falastrão. Mas, pelo contrário, ele pareceu instigado a aperfeiçoar seus dotes para a entrevista e quis saber o que eu fazia para encher os bolsos. Respondi que me meto a escritor, como todo bom falso míope, mas que não me dou grandes aspirações literárias. Por quê? Bem, porque se um dia os meus romances adentrassem as insípidas classes de literatura moderna, eu não pensaria duas vezes antes de engatilhar uma automática no céu da boca e (estalei, sarcástico, os lábios). Fora isso, sou ornamentador funerário, porque preciso comer. Não, não é tipo um maquiador de defuntos, detesto o termo. Agora, sim, agora isso é tudo o que você deve saber de mim. Pensei que poderia ficar em paz, ouvindo os tiques da tesoura fina que rasava, como um aeromodelo, em torno das minhas orelhas, mas o barbeiro perguntou quantos anos eu tinha. Sua inquisição me pôs pensativo por um momento. Respondi, conferindo o relógio de pulso por baixo da capa sintética que impedia os cabelos de caírem no meu colo, que estávamos a vinte e dois dias de comemorar meu meio século e um ano de existência.

Quando anunciei em voz alta, o assombro da idade se fez real; de repente, o reflexo no espelho ficou anuviado pela inutilidade das minhas lentes. Mas, mesmo depois de tirar os óculos, a compleição duplicada no vidro permanecia turva e irreconhecível. Esfreguei as pálpebras no dorso da mão e voltei a encarar o segundo eu, preso por trás do vidro; ainda confuso. Era como se meus olhos fossem objetivas conduzidas por um cinegrafista de pretensões suspeitas, filmando-me fora de foco. O barbeiro atrás de mim, no entanto, continuava perfeitamente visível ao abaixar a juba branca. Seu longo nariz de ponta vermelha, que fungava incomodado por uma mosca, lembrava uma raspadinha coberta de calda. Só o meu gêmeo na sua frente continuava intangível, como um espírito que é incapaz do reflexo.

O homem franzino, interrompendo o abre-e-fecha da tesoura após golpear um fio de cabelo especialmente resistente, perguntou se estava bom. Eu menti que estava tudo bem e que minha perturbação era só por conta de um resfriado que não tinha sido totalmente extirpado dos pulmões. Ao notar que o pequeno barbeiro se referia ao corte, e não ao meu estado de confusão, pedi que ele abaixasse mais uns dois dedos, deixando meus tufos bem juntos ao veludo da cabeça.

Algumas mutucas, irmãs daquela que rangia em volta do rosto do barbeiro, voavam contra a única lâmpada do teto. Suas sombras disformes dançavam, inquietas, nas dobras do meu pescoço. O sol amarelo salpicava o pote da espuma de barba, brilhando a haste plástica do pincel que descansava dentro do vasilhame de ferro. Incapaz de aparar meus cabelos em

silêncio, o homem passou a fazer comentários rememorativos sobre a sessão de comédia que ele tinha pegado por acaso no cinema e que, mesmo após uma semana, ainda era razão de gargalhada. O que me divertia, no entanto, era a permanência de um pensamento obscuro, mas singular: se na cadeira da barbearia eu era o fantasma, fiquei pensando onde estaria meu corpo. Pelo canto do olho (evitei mexer a cabeça com medo de fazer a tesoura escapar), eu vi a rua cinza-escura ferver sob o resto de tarde que já se oprimia pela noite. Imaginei um segundo Bartolomeu caminhando distraído lá fora, calmo como se boiasse. Um carro, cortando a avenida aos cento e vinte por hora, rapaz imprudente cravado ao volante, não veria a forma porcina do velho se formando rapidamente sobre o para-brisas. Passaria por cima de mim, fatiando.

Todo mundo nas calçadas ouviria o som dos meus ossos craquelando contra o capô. O fêmur se rasgaria para além da carne flácida, provocando um brado de agonia e um jorro vermelho, como um hidrante de sangue. Um hidrante real acertado na confusão também faria o seu jorro, este de água, sobre os curiosos. As minhas escápulas atropeladas se entortariam dentro das axilas, e os braços estirados formariam uma angulação esquisita sobre o asfalto sujo de gasolina e lubrificante. Minhas pupilas moribundas seriam levemente tomadas pela bruma talhada e as imagens perderiam sua nitidez original quando a brancura me fechasse toda a visão. O que sobraria como herança seria só meu par de óculos inúteis, tortos sobre o meio-fio.

Perdendo a continuidade desse pensamento, senti uma picada no canto da nuca. O barbeiro desastrado, provavelmente aéreo por causa das coisas que tagarelava, havia desgovernado a navalha e me ferido. O filete de ferrugem quente escorreu até a altura dos ombros e eu me levantei de sobressalto, correndo até a pia de canto — o cabeleireiro me pedia perdão sob o seu nariz afluído. Abri a torneira esperando me lavar, mas só uma cascata ridiculamente fina gorgolejou do cano. As gotas se espatifaram, depressivas, na bacia do lavabo.

Um homem insólito passou pela porta da barbearia, tocando o sino que ficava pendurado

À meia-luz, vi a poça
de melaço começando
a corroer meu sapato.
Minha cabeça ainda
doía a enxaqueca da
semana inteira. Odiei um
transviado que passou
do meu lado, impossível
de se dizer tanto homem
quanto mulher. Odiei a
chuva que caía sobre mim
como caspas translúcidas.

no alto; deu um cumprimento, mas eu não respondi. Pus os óculos de míope nos olhos não-míopes e saí rosnando de ódio contra o barbeiro, anunciando o mesmo sino que o recém-chegado havia batido. Perturbado pelo cheiro de loção e talco que ainda me acompanhava e sentindo a dor da navalhada quase que na carótida, entrei no bar apertado do outro lado da rua. Estendendo os cotovelos sobre o balcão de pedra granito, desembolsei um maço de grana e pedi para a copeira que me conseguisse um refrigerante de soda e uns chicletes. Ela me deu um punhado das guloseimas e a bebida que, mesmo acabando de ser libertada de seu claustro gélido, estava morna. Recebi o troco na mão aberta, esbarrando de propósito no seio dela enquanto recolhia meu cobre.

Novamente na rua, a noite despencava do céu como bolas de estrume, batendo pastosa e fresca no passeio. Não houve nenhum acidente automotivo naquela tarde, senão o da minha criação. Depois de todo o calor, um chuvisco não custou a despenhar e, tentando fugir da chuva antes que engrossasse, um esmoleiro bateu no meu braço, derrubando soda nas minhas

calças. Fiz valer o lenço que andava no meu bolso; até então, era meramente decorativo. Apoiei-me, bruto, na banca de madeira de um sebo para conseguir equilíbrio enquanto esfregava na flanela os sapatos melados; ia manchar o couro. Já injetado pela raiva, vi que um dos livros expostos na loja, custando muito mais do que valia sua capa vulgar — um casal, nudez em exposição, expressões de arrebatamento em seus rostos e um título igualmente estúpido —, carregava em letras garrafais a opinião de um crítico de sobrenome conhecido. E aqui mais uma coisa que cabe saber de mim: certa vez, eu fui lido por esse mesmo homem. E ele me deu uma, de cinco estrelas possíveis. Ao lado da única forma estrelada colorida de dourado, as outras quatro, vazias como poços de água desativados acima da coluna do jornal, pareciam fazer escárnio de mim. Irado, lancei com um tapa a lata de refrigerante, deixando que tombasse sobre um amontoado brilhante de sacos de lixo escorado a um poste envergado. Acontece que, no local de despejo, habitava indignamente um mendigo, que protestou ao receber a latada no meio da testa; ele me disse que não era caçamba. Dei palmadinhas sobre os meus óculos e falei algo sobre serem novos, mas em silêncio eu discordei do mendigo.

Enquanto caminhava de volta para casa, a escuridão se intensificou e as lanternas urbanas foram acesas por mãozorras invisíveis, transformando a rua preta em um palanque cor de toranja. À meia-luz, vi a poça de melaço começando a corroer meu sapato. Minha cabeça ainda doía a enxaqueca da semana inteira. Odiei um transviado que passou do meu lado, impossível de se dizer tanto homem quanto mulher. Odiei a chuva que caía sobre mim como caspas translúcidas. Quando chegasse em casa, procuraria consolo na terceira gaveta. Tive um momento de dúvida: codeína ou morfina?

Pisando no carpete de entrada do prédio, odiei o entusiasmo no olá do porteiro. Abri o apartamento, usando a chave mais gasta presa ao chaveiro de madeira, e vi lá dentro a fuça enxerida da minha ex-mulher — o diabo vinha cumprindo seu trabalho sem descanso. Abaixada, ela estalava os dedos para o cachorro. Definitivamente, seria morfina.

Úrsula, como uma mãe que espera acordada pela filha adolescente chegar de uma falsa festa, repreendeu-me sem o contato visual. Entretida com as lambidas viscosas do animal virado de patas para o alto, ela perguntou se eu tinha visto o doutor Chaves — é claro que já sabia que a resposta seria negativa. Eu disse que a chuva havia me encontrado no meio do percurso e que por isso eu estava encharcado e não pude me consultar. Penetrando os meus olhos com os seus pontiagudos, ela sinalizou, com um simples adejar da cabeça, que os meus cabelos estavam cortados. Pus a mão na nuca, como se pudesse esconder o feito, e falei que tinha passado no cabeleireiro de costume para ficar apresentável, já que doutor Chaves era um homem de cacife. Dei as costas para ela e para o cachorro, mas senti seu julgamento de longe. Abrindo a janela emperrada da sala de estar com dois trancos, olhei a rua agitada embaixo, onde faróis de carros incineravam o asfalto e uma faixa estreita de grama bordeava o passeio. Uma nuvem, e era das grandes, circulava o meu edifício cor de fuligem como se o protegesse em seu algodão e eu senti, em um instante de distração, que poderia tocá-la. Queria atender ao impulso e me entregar à sua maciez, deitar em seu abraço branco, chapado no comprimido.

Estou falando com você, disse a minha ex-mulher de repente, com raiva, tirando a minha atenção da buzina persistente de um táxi. Ignorando sua repressão, perguntei se gostaria de beber ou comer, mas ela se negou. Fui aprontar um sanduíche de patê.

A nuvem também era visível pela pequena abertura vítrea da cozinha; ficava me convidando a mergulhar de cabeça. Caso abrisse os braços para a insanidade por um segundo mísero e me lançasse de cabeça naquela fumaça... Sei que as nuvens não são fortes o bastante para dar conta do meu peso e sobrepeso, como nos fazem acreditar os desenhos animados e as histórias de ninar. Eu acabaria caindo na rua. O carro que imaginei naquela tarde voltou a circular, veloz, na minha imaginação. Quem sabe ele me esmagaria depois que eu caísse, dirigindo-se para frente e depois de marcha a ré, não deixando resistir o menor dos meus ossos. No que você está pensando, perguntou

O carro que imaginei
naquela tarde voltou
a circular, veloz, na
minha imaginação. Quem
sabe ele me esmagaria
depois que eu caísse,
dirigindo-se para frente
e depois de marcha a ré,
não deixando resistir o
menor dos meus ossos.

a vigilante Úrsula ao aparecer no batente da porta. Dei um pulo alto. Olhei para o seu rosto, redondo e branco como um pão de queijo mal assado, e senti vontade de enxovalhá-la.

Só me aliviei do estresse quando ela me disse que aquela era a última vez em que insistia comigo para qualquer coisa, e que por isso iria embora e não ligaria mais. Fazendo carícias letárgicas no cachorro antes de pegar sua bolsa sobre o sofá, ela quis me sinalizar o quanto aquele cão era mais digno de cuidados do que seu ex-marido. Após, saiu com um estrondo, em outra clara demonstração de sua infantilidade; a porta ficou tremendo no batente mesmo depois de ela já ter ido embora.

Deixado sozinho, os refletores da minha atenção jogaram sua luz estuante sobre aquele fato que crescia dentro de mim — eu tinha vinte e dois dias para morrer. Estava certo de que tudo deveria acontecer, limpa e organizadamente, antes dos meus cinquenta e um anos de idade. O suicídio era um embrião; eu gestava devagar.

Fiquei pensativo por mais um tempo, espichando o olho para o jardim do prédio, sujo de folhas secas e desenhado de violeteiras. A chuva vinha chegando às minhas bandas; o jardineiro se adiantava, jogando permanganato nas plantas antes de o céu desaguar. Entediado da cena, fui para frente da tevê. Apertei o botão vermelho do controle, liguei no noticiário das seis. Na tela retangular, eu vi cenas de um engavetamento com mortos e as imagens borradas

de censura ainda revelavam, para o espectador atento, a realidade interior dos defuntos — vísceras, tripas, sangue. Quatro deles estavam desmantelados e abertos, enquanto o repórter impassível explicava o acidente, sinalizando horários exatos e nomes de ruas entrecruzadas.

Entrecruzei meus olhos nos do meu reflexo. Encarando à esquerda o espelho de esquadros quebrados que enfeurava a parede da sala, finalmente entendi as minhas formas engorduradas no vidro. Voltei a me reconhecer, como um reencarnado que tem vislumbres momentâneos da vida anterior. Era um homem excêntrico, de fachada austera e olhos esgazeados, guaraná abertos. O corte não ficou bom, parecia mordido de traças.

Eu me sentia exausto. Fui perdendo lentamente a consciência dos nervos, despercebendo a minha existência. Sentia que eu era um artefato à mercê do meu espírito. Inquieto, andava com pernas anestesiadas até o parapeito, passava ali alguns minutos de contemplação da avenida e depois voltava ao sofá. Os movimentos se repetiram até quando o sono me convidou para a cama. Coberto no edredão, ouvindo de longe o som do televisor que tinha esquecido ligado nas notícias, sentia minha cabeça como um albergue de fantasmas. Cada um vagava em seu sofrimento, sussurrando coisas abafadas que me enlouqueciam. Queria morrer naquele dia. Dentro da minha lógica particular, a obrigação era tão sólida quanto um teorema. O suicídio não era só um sentimento corriqueiro nem era um clamor estulto por socorro; era algo mais parecido com um músculo, decerto o tecido mais firme que palpitava dentro do meu corpo mole. Essa fibra tremia involuntariamente dia e noite e eu tinha espasmos incontroláveis e câimbras terríveis. Talvez por ser tão exercitado pela morbidez dos meus desejos, o músculo suicida hipertrofiou e saiu de mim — atravessou minhas margens, macerando as represas — e agora estava exposto e tamborilava como um coração de boi. Meu órgão batucava sem descanso. Queria morrer naquele dia.

E não é que eu tivesse em minha posse uma lista preenchida de razões para motivar a minha morte; simplesmente faziam falta as razões para viver.

MAIO/JUNHO 2017

CARLA DIACOV

CÂNDIDO ROLIM

**À CONTRALUZ
DO POÉTICO**

18



Tempos atrás corria um debate em torno de uma nova estética na qual estava inserida a poesia contemporânea: uma intensa produção dispersa, fragmentária – mas não ingênua, sem fixar-se em linha programática facilmente apreensível que, sem tanta reserva crítica, desenvolveu a prática da autoperformance em que o autor é também ator de seus produtos poéticos. Embora, hoje, tal classificação deva ser tomada com cautela – talvez por negligenciar poetas que já demonstraram grande capacidade de afirmação e superação de vícios metalinguísticos (cito Diego Vinhas e Virna Teixeira como exemplos de poéticas descoladas de mimetismos gregários e ceticismos de elite), eu diria que essa nova produção transita entre o apuro estético refinado decorrente do invejável arsenal de informação técnica e midiática disponível e acessível a um clique, e o equívoco de não tentar mais qualquer desvio de um caminho “poeticamente correto” que se reproduz de forma quase unânime como um “hipertexto”: logo, sentia-se falta de uma poética que cometesse erros, deslizasse, transbordasse, que fosse a fundo nos seus projetos discursivos, explorando radicalmente a imagem “como uma consciência degradada de saber” (Sartre).

Embora não haja UMA obra que represente fielmente o fenômeno contemporâneo, mas MUITOS processos estéticos implicados nessa linguagem, no centro dessa efervescência, eu destaco a escrita de Carla Diacov, poeta que há mais ou menos uma década tem vivenciado essas tensões estéticas e, por outro lado, não parece reproduzir aquele gesto fetichista que compõe os torneios narcísicos pseudoperformáticos centrados na autorreferência, como dito atrás. Como exemplo, cito a sua obra de estreia (*Amanhã alguém morre no samba*, Ed. Douda Correria, Portugal, 2016) e seus recentes livros lançados no Brasil, que primam por uma desmesura não pedante, na qual a autora encara a linguagem como um campo de contra/versão, esmerilhando, com requinte, identidades e noções.

Acerco-me por ora ao *Amanhã alguém morre no samba* e me chamam logo a atenção seus procedimentos de desconstrução e desacato: o livro, dividido em livros narrativas (*Incumbência*, *Educação Artística*, *Enlouquecer então nascer*, *Ser o bicho* e *Voltas aos montes*), parece valer-se do grotesco, tomado aqui como agenciamento de estruturas sintagmáticas e outros elementos desestruturantes, díspares, nomes e figuras compondo uma cosmogonia doméstica – “*uma vaca bordada no guardanapo novo/uma mulher e um homem e uma roda de tortura/uma vaca bordada na cara da mulher*” (imagens que associo de imediato a quadros de Füssli – O Pesadelo, p. ex.), menos dócil que agressiva, espelhos de uma graça não fabulatória, jocosa às vezes, que visa mais à desconstrução de um estado de coisas, um por a nu corrosivo e desestabilizador de uma casta inteira de arremedos e satisfações postiças – enfim, uma inconformada desconstrução radical dessas obviedades abruptas tidas como milagres. No caso, parece que a autora, a cada investida nas imagens, aguça seu tino de, pela linguagem, reverter as dobras do real em proveito de um mundo estranho de tão próximo. Por consequência, é possível afirmar que o flerte surrealista de sua linguagem contabilize as cifras de um mundo em desagregação, uma vez que Carla Diacov parece estimular

a gramática a atender os traços intersticiais de um irônico “mundo à parte”.

Wolfgang Kayser, através de uma visão até certo ponto figurativa, classifica o grotesco como “deformação nos elementos, mistura dos domínios, a simultaneidade do belo, do bizarro, do horroroso e do nauseabundo”. Na presente obra, a autora é ácida diante das práticas enfadonhas do desejo, quase como uma tática de distorção premeditada da docilidade. Uma epi/gramática levemente licenciosa, aniquiladora e diabólica à Hilda Hilst.

Edgar Allan Poe, citado por Kayser, por sua vez, destaca assim o primeiro plano do grotesco: “para designar uma situação concreta, na qual a ordem do mundo saiu fora dos eixos”. Em que pese não ficar tão claro o alvo de suas projeções (e a rigor nem precisaria), algo nos permite sentir que para a poeta há sim uma ordem “fora dos eixos”, a que ela autora se nega a se submeter e, via de consequência, anular-se como vivente (vide a agonística da palavra SER repetida em vários poemas).

Também à revelia de sua configuração original, vejo ali o grotesco sublinhado na e pela despersonalização zoomórfica dos agentes, personagens de uma vida que, não raro, se dá em confinamentos (sala, cozinha, ninho, mesa, cama), ou outras praças onde se dá o empilhamento do poder. Afora tal enquadramento – insuficiente – destacaria também como gesto agudo a disposição do rosto da autora em certa altura do livro: na contracapa do livro Carla nos presenteia sua figura faceta – a mirada fixa de quem presencia a toda hora a morte prematura das delicadezas – esse rosto nu, que nunca mais vai “*chorar dentro das mãos*”. Eis aqui a face como insurgência, estase acintosa, em pelo, sem pós, às bordas de um “choro de fúria”. Essa fixidez de acuada nos enquadra e como que nos convida, entre muda e loquaz, para viver sua perplexidade e para observar o mimo dos bichos ou onde houver ternura. Outra narrativa. Depois desse breve descortinamento, o fluxo dos textos vai de novo romper a imobilidade resistente do senso e da ordem, desafiando outra rijeza inercial – a dos significados. Logo à frente descobrimos uma vocação háptica do grito, ditada pelo corpo em composição (“*gritar pelos dedos/vontade de rescindir em líquidos*”).

“Ser a galinha” (sem indicação de página), que se aproxima de uma simbologia de cunho transgressor, é um texto primoroso sob diversos aspectos, seja quando se submete à representação (e apresentação) do animal, seja quando opta pela sugestão zoomórfica e mundana da mulher (“*Ela: Diante do cavalo cego, fingir ser a galinha que passa sem/ alisar acometimentos, sem disfarçar olho torto: Ela.*”). A propósito, é notável na escrita da Carla Diacov a reiteração enfática da expressão como reforço das tensões discursivas. Tome-se como exemplo o verbo “bufar” e algumas conjugações (que repercutem uma insistência arfante e demolidora), nesse excerto de um inédito:

“quem vê não olha deste lado bufa e vê
baça é a maneira de ralhar com
as fibras da porta
uma mulher uma leoa uma gestante

*a gestora das sombras das piadas amanhecidas
daqui até ali parando e bufando até aqui rindo
na rua bufam passantes e o vendedor de espelhos
ela bufa
uns gestos conseguem atravessar a barreira
bufa
barreira bufando até aqui e chora”*

Algo semelhante ocorre com o verbo “morder” em um de seus poemas. Essa repetição vocabular parece indicar tanto um tateio semântico como um propósito de trituração semiótica desafiante – o falar mordendo. Também nesse horizonte de fuga e remordimento, noto que em muitos versos parece haver um sentido remoto e cópulas plásticas latentes entre a literalidade e um sentido outro velado, prurindo sob a textura sintática, espécie de visgo que o corpo produz e oculta como fluida desforra.

*“morder começa pela boca
mas a boca não é
morder é você rezando todo dia no mesmo lugar
morder é você ajoelhado junto ao feixe de sol
morder é você escutando o barulho de mundo que eu escuto:
começa e termina pela boca começa e termina pela boca e goza
mas a boca não é
eu chegaria primeiro e esperaria morder lá
pela linha do equador”*

Destaco também o trecho em que as torções do étimo (inversão como per/versão) da frase banal “ter sido/estar sendo” resulta quase em um curioso latinório promíscuo e atrevido, um “chiste de guerra” como o próprio poema revela mais adiante:

*”fora do lugar o nome fora de forma
Um tipinho de gente que relê tanto
ODIS RET. ODNES RATSE”*

Repito: os fluxos semânticos de Carla Diacov tomam a contramão das retóricas totalitárias e totalizantes não se submetendo tampouco ao delírio da abrangência que não raro atendem a um mero ímpeto de verbalização, desmesura ditada não por uma máquina do perceber, mas por uma necessidade autêntica; suas combinações sintáticas são incômodas e preciosas, uma gostosa irresponsabilidade não automática com o léxico. Palavras e frases que se combinam tanto para uma representação jocosa quanto para um pasmo difamatório e crítico. Operações parodísticas do “palavreado vicioso”, vertiginosas distorções imagéticas no hábito (“meta na minha boca seus doze corações de abóbora”).

Hilda Hilst, Ana Cristina, Piva, Clarice Lispector, Bandeira, etc.. são insumos poéticos mais visíveis na “filiação” dessa escrita, mas não é tudo. No livro, dividido pelas citadas “suítes” mais ou menos temáticas

em sua dispersão, observam-se linhas de resistência e de combate definidas e delimitadas pela desconstrução do embelezamento, do agradável, do que se tem como aprazível e cobiçável (o dócil mal disfarçado, o dócil à força). Escrita que parece nos colocar atentos à violência dos desejos, vide a recusa das palavras a comporem arremates poéticos “amenos” (“*uma pétala de amor perfeito mas não tão perfeita/tinha de estar meio comida de bicho/a pétala*”). Muito pelo (substantivo) contrário (se me permite essa imagem), em seus momentos mais contundentes (a primeira parte do livro, principalmente), os estilemas servem e são apresentados como em contrafação uterina, bem próximo à gagueira sem sentido (e com todos os sentidos) de uma voz após o amordaçamento: “*tenho placas de placenta em tudo que digo ou faço*”.

Enfim, temos em *Amanhã alguém morre no samba* uma escrita paradoxalmente lúcida e convulsiva, que nos coloca no meio de um estado entre risível e trágico: um violento voltar a si com todo esse medo inconsolável que a lucidez permite que se viva.

Marguerite Duras, em um de seus curtas de 1978 (“*Les mains négatives*”), também falava “*amo qualquer um que ouça meu grito*”. À contraluz do poético e do poetizável, Carla Diacov, no fundo, pratica esse apelo através de tímidas propostas de mudez (“*não darei mais conversa ao mundo*”) e da sôfrega didática dos sentidos (“*o cheiro dos teus dedos parte/ ao meio a janela*”), quase uma autoexcitação retraída. É também sensível em seu texto os traços de uma política corporal, como projeto essencial de reconstrução de si: “*quero nascer de novo apenas para pensar/perene é ser pocilga de pensamentos*”. Enfim, essas novas peripécias da poeta Carla Diacov, que parecem desbordar também do conceito de “obra”, nos atraem para essa circularidade entre voluptuosa e agressiva da língua que, à custa de reiterações quase obsessivas, nos atrai para dentro de seus círculos íntimos explosivos – saborosa desmesura da incontida impertinência confirmada nos acessos dessa encantadora fúria verbal – entre animal e humana:

*“rasgo esse pedaço de pano e
Estou morta
Enlouqueço se não o rasgo
Rasgo esse pedaço de lençol”*

CÂNDIDO ROLIM

cearense de Várzea Alegre, é poeta e advogado. Publicou os livros *Arauto* (Dubolso, 1988), *Exemplos alados* (Letra e Música, 1997), *Pedra habitada* (AGE, 2002) e *Camisa qual* (Éblis, 2010).

AGORA É COMIGO

CONTO DE ANTONIO GERALDO FIGUEIREDO FERREIRA

*o autoritarismo é uma
pestilência que
contamina os ares, meu
amigo...
(anônimo)*

fui obrigado a me levantar, pois um homem trajando farda, ao lado, enfiou as mãos sob meu sovaco e disse, com rispidez, levanta, perguntei por que, eu, que estava tão cansado, o soldado apontou a porta, no fundo do grande salão, e falou, ele já vai entrar, cala a boca, a situação pode piorar muito pro seu lado, tentei em vão me explicar, confessar que não era comigo, que o negócio certamente seria com outro, tudo um grande engano, que não sabia o motivo de estar naquele local, aliás, nem sabia onde estava, não tinha a menor ideia de que aqui pudesse ser ali, ou acolá, todos os lugares sendo o lugar algum de uma ausência que encarnava em mim a humanidade então desconhecida, ao mesmo tempo que alguém muito próximo habitava a pele inútil que carregava, sob o frágil pretexto de ser eu, bem, talvez estivesse com febre, variando, ou fosse sem saber um louco que, de repente, sentisse um desconforto de lucidez nunca experimentada, será?, estava perdido nesses pensamentos quando entrou no recinto um senhor de idade indefinida, vestindo um paletó negro, de bom corte, com uma sobrepeliz, ou toga, não sei, tinha as feições familiares, embora tivesse a certeza de que era um completo estranho, minha cabeça começou a girar, não caí porque o guarda sustentou o pião do meu desespero com força redobrada, e, a um sinal do juiz, do proprietário, do criador, quem sabe, soltou-me bruscamente, obrigando-me ao assento do qual nem me levantaria, não fosse o puxão daquele sujeitinho fardado que parecia se divertir comigo, brinquedo espatifado nas traquinagens sem limites de um bando de crianças das quais ele seria o irresponsável tutor, ou algo assim, em seguida murmurou, enquanto eu me ajeitava, as pernas muito fracas, doendo, melhor fechar o bico, hein!, ao passo que o magistrado sentava-se em sua poltrona de couro e anunciava à plateia que finalmente eu estava preso, ao que todos riram e aplaudiram, sem tirar de mim os olhos de gozo e fúria, sublinhando que eu fora recapturado quase o mesmo, a não ser por uns quilos a menos, a barba por fazer, as roupas remendadas e puídas, os cabelos brancos, sim, sim, sim, que agora não escaparia de novo, observação irônica que ensejou nova pateada dos presentes, fazia pouco ainda invisíveis para mim, colocado no alto de uma espécie de armação de madeira, tablado erguido não para que os visse, mas pudesse ser visto, eternidade afora, numa incômoda sensação de que ocupava um imenso cadafalso e estivesse pronto para ser exemplarmente abatido, e isso, não sei explicar, foi enchendo o salão de uma paz que nunca experimentara, nunca, desde que pude me dar por gente, como frisava o meu pai, sempre que me espancava por alguma pequena arte, ou mesmo sem motivo algum, eu te ensino a ser gente, moleque!, a cabeça foi parando de girar, parou, e pude observar os detalhes de tudo, o juiz pediu para que todos se levantassem, exigiu silêncio, enquanto se preparava para ler o que provavelmente seria o meu castigo, a minha pena, a minha dívida para comigo, para com todos que ali tinham uivado de prazer pela minha presença, ou impresença, vá lá, bem, não sei por que, então, gritei a toda força, a voz saiu rouca, sem que pudesse impedi-la, a garganta despejou as vogais, os lábios incontidos, a língua no céu nublado da boca, trovoando-me, o maxilar estalou consoantes obscuras entre os dentes, ora cerrados, ora escancarados, enxurrada de sopros e sílabas, e sons, e coisa alguma, enfim, lembro-me também de que atentei curioso ao eco insistente do que eu mesmo gritava com tamanha incerteza, como



se um outro é que falasse, baixo e mau tom, e a repetição brotasse ainda mais pálida de mim para mim, transparecendo, no ar pesado, uma reverberação que precedia inexplicavelmente a voz, do que restou na lembrança, entretanto, apenas a conclusão grunhida deste desabafo, ...estou pronto, aceito o veredicto, conquanto imaginasse que sempre fora inocente, vítima que vivia ali um golpe mitológico, uma fantasia da memória em decorrência das leituras inúteis ao longo dos anos, da pretensão estúpida de ser um escritor, alguém que carregasse debaixo dos braços um embrulho malfeito de palavras carnudas para matar a fome dessa canalha, ou a minha fome, pelo menos, no que o grande equívoco de uma suposta quase consciência, nome de minha incompletude estendida na errância de ser, sendo aos pedaços, eu, eu, eu, o senhor fulano de tal, nascido em tal lugar, no ano tal e tal, fica, doravante, condenado a ter grãos de areia, de tamanho não inferior ao comum, encontráveis que são nas praias brasileiras, despejados em ambos os olhos, os quais, grãos, por força deste ato, ali permanecerão até que o atrito natural com as córneas do prisioneiro desgaste-os totalmente, para sempre desaparecidos em si, a olhos vistos, e não antes disso, configurando desse modo, e de nenhum outro, o cumprimento desta sentença irrevogável, certa e justa como os desígnios de deus, os quais haveremos de emular por incontáveis milênios, para gáudio e glória das civilizações, da cultura e do espírito humano, registre-se, pois, o que há tanto ansiávamos etc. etc. etc., ouvi tudo em silêncio, em quase todas estas exatas palavras, e, afinal, pude compreender que eles estavam certos

ANTONIO GERALDO FIGUEIREDO FERREIRA

paulista de Mococa, é escritor e professor. Em 2012, lançou o romance *as visitas que hoje estamos* (Ed. Iluminuras).

MARCO ANTÔNIO DE MENEZES, POETA

HUMBERTO WERNECK

Mineiro de Ouro Preto, Marco Antônio de Menezes (1941-1991) foi ligado, em seus anos de formação, a uma vasta federação de talentos espalhados pelos mais diversos territórios das artes. Escritores como Ivan Angelo e Silviano Santiago, que na segunda metade da década de 1950 editaram em Belo Horizonte os quatro números da revista *Complemento*. Gente de teatro, como Jota Dângelo e Carlos Kroeber, fundadores do fecundo grupo Teatro Experimental; da dança, como Klauss Vianna; das artes visuais, como o crítico e cineasta Olívio Tavares de Araújo. Não poucos foram também jornalistas, e vieram a constituir, em São Paulo, as primeiras equipes do *Jornal da Tarde*, que, lançado em janeiro de 1966, haveria de revolucionar, no texto e no visual, a imprensa diária brasileira.

Desse time de transplantados fez parte Marco Antônio de Menezes, que, ao deixar Belo Horizonte, em 1968, interrompeu promissora carreira no teatro. Para o Teatro Experimental, tinha dirigido *O Escorial*, de Ghelderode, *A História do Zoológico*, de Albee, *Cena a Quatro*, de Ionesco, os dois *Atos sem Palavras* e *Krapp's Last Tape*, de Beckett. Ao lado de Olívio Tavares de Araújo, concebera *Faber*, espetáculo de vanguarda encenado em 1964. Dois anos mais tarde, costurou versos de dezenas de poetas na montagem de *Não: Poesia Para*.

A poesia, exatamente, ficaria sendo a face menos conhecida de Marco Antônio de Menezes – embora, hoje se sabe, tenha permanecido fiel a ela até o final da vida, sem publicar, mas cultivando-a em surdina. Ele foi, avalia Olívio, “um excelente poeta de estirpe drummondiana”. Um quarto de século depois de sua morte, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* teve acesso a originais conservados pela família, e, entre os escritos mais curtos, selecionou cinco poemas para, finalmente, trazer à luz amostras do talento também poético de Marco Antônio de Menezes.



CINCO POEMAS DE MARCO ANTÔNIO DE MENEZES

O GATO

A dália farta, o dente na espessura
da calma conquistada, do prazer.
E essa agulha na testa, perfurando
o que não pude ser, nem mais serei.

No meu cenário pronto, o medo borda
sua trama de fome, repetida.
Abri, porta por porta, os equilíbrios
e as réguas do convívio. Me trancava.

O medo permanece. Em cada canto,
é o domador do que não sou domável.
Entra pela janela vespertina
quando mergulho aonde me devolvi:
o quarto em que refiz a antiga cama,
silêncio e sol da infância, quase a mesma
serenidade. Os cães trancados fora.

E me fecho a este sol, a esse eterno domingo,
e fico, em frente à flor, de um aço sem olfato.
Eu expulsei os cães, mas permaneço um gato,
de bigodes em pé, pupilas vigilantes
e um salto, a cada ameaça de visita.

PLANTA

Fecho as portas e as rimas. As ruínas
ainda traçam teu corpo em meu futuro,
o espaço onde vivemos, o ar maduro
em que teu coração de carne vibra.

Onde enterrar, amor, esse fantasma,
como se enterra um braço ou um tesouro,
sementes de risadas, de besouros
que não seremos nós, mas terão asas?

Deposito nos versos a peçonha
que a terra não aceita, com vergonha
de não saber a fruta da flor morta?

Ou fujo à morte é nesses epitáfios,
reacendendo os ossos do passado
para marcar meu nome em tua porta?

AMOR

Canção.
Longe daqui,
sem a mancha das letras.

Música.
Provisória, trêmula
no ar.
Entre dois.

Luz
mais luz que amores
feitos
de letras.

Cristal
que acorda a pedra
do silêncio.

Futuro
germinando no ímã
do desejo.

AUTOCRÍTICA

As sementes
já são maravilha bastante.
Além de que florescem,
tentam nossos dentes,
tornam-se nossa carne
e outros frutos mais simples.

O ESPELHO

Eu lembro.
É o que me custa
afiar a crista justa
entre nadar
e o nada.

Só busco
o verso avesso teu, leitor, o leite exato
que nem deito
no teu: está neste teu prato
de busca, igual à minha,
pela mama
que nos reconcilie madre e drama
(perduramos, ao sol,
sofrendo, um só momento).

Sofrer também é âncora,
viagem.
Memória (a crinolina rota
de viver-me, o filme que revelas)
contém, além do sol, este retrato
em que rimo, te espelhas.

O que ficou
guardado na gaveta da lembrança
(tão exata que às vezes se confessa
mais vazia que os passos esperando)
é uma estrada
que ainda não abri.
Ali não somos nada,
somos tudo,
a morte e seu veludo.

HUMBERTO WERNECK

mineiro de Belo Horizonte, é escritor, jornalista e cronista do jornal *O Estado de S. Paulo*. Pertence ao Conselho Editorial do SLMG.

A black and white portrait of a woman with dark hair and glasses, resting her chin on her hand. She is wearing a dark top with a decorative necklace and a bracelet. The background is a plain, light-colored wall.

É PRECISO SER SIMPLES PARA CONSTRUIR COISAS GRANDES

*Entrevista de Lena Reza García,
gestora cultural colombiana que coordena
o Encontro Nacional e Internacional
de Mulheres Poetas há 23 anos,
a Diana Araújo Pereira
e Ana Elisa Ribeiro*

Dra sábado à noite. Havia um palco montado em plena praça pública, na área central da pequena cidade de Cereté, região metropolitana da capital do estado de Córdoba, na Colômbia caribenha. As pessoas começaram a chegar. Uma van trouxe as poetas que se apresentariam naquela noite, acompanhadas por Irina Henríquez, um dos “anjos clandestinos”. Quando o recital começou, havia centenas de cereteanos na plateia, ao ar livre, jovens, idosos, crianças, cães, meninas de patins, meninos de bicicleta, famílias de mãos dadas para não se perderem. Sentaram-se, ouviram, em absoluto silêncio, a poesia de poetas colombianas e de outros países da América do Sul, além de uma italiana, uma norueguesa, uma norte-americana, entre outras. Ouviam na língua original e, em seguida, a tradução, lida pela Irina ou tentada pela própria autora. Ao final de cada apresentação, batiam palmas, emocionavam-se. E era tudo muito honesto. Estavam ali para prestigiar um evento da cidade, sem qualquer obrigação ou constrangimento. Havia música popular, ao final. Os ritmos da região. Depois, o trânsito da praça foi aberto, as crianças ocuparam os espaços, muitos voltaram para casa, outros se aproximaram das autoras para conversar. Ficou para nós a sensação de que a Colômbia tem muito a nos ensinar, e ainda nem havíamos nos irmanado por conta do acidente com o avião do time da Chapecoense.

Esse é apenas um dos episódios do Encuentro Nacional e Internacional de Mujeres Poetas, que ocorre em Cereté há mais de 23 anos. Além de ocupar com poesia as praças e auditórios públicos, o Encontro também promove visitas a escolas, hospitais e às casas das pessoas que se candidatam a receber as escritoras. Neste caso, cidadãos enfeitam suas casas a fim de convidar as poetas para um café da manhã, chamam filhos, vizinhos, parentes, dando vida às já tradicionais “Casas de poesia”.

O Encontro é organizado, há mais de duas décadas, por Lena Reza García, cereteana nascida em 1952, professora, gestora cultural e possuidora da certeza de que a poesia salva. Lena vem de uma família circense que mantém a veia artística trabalhando também no cinema, no teatro e em outras atividades. Divide sua vida entre a docência em escolas e a gestão cultural, com muita dedicação, e aguarda sua aposentadoria em maio de 2017, quando terá “um alívio grande”, em suas palavras. Somente depois disso poderá se dedicar totalmente à gestão cultural e aos eventos que produz em Cereté. Por outro lado, Lena Reza é continuadora de uma tradição que, na América Latina de fala espanhola

Não sabemos nunca até onde chegam os acontecimentos. Quanto se pôde construir de sensibilidade entre os cereteanos? Nos construímos como referência de uma cidade cultural. Cereté se tornou o epicentro da cultura, e a poesia marcava a diferença em relação a outras coisas que eram feitas no resto do estado de Córdoba.

(sobre-tudo na Colômbia), enche auditórios e estádios para a escuta da poesia. Uma poesia que, como ela mesma diz, “salva a palavra”, ou como diria outro importante poeta e gestor colombiano, Fernando Rendón, uma “poesia pela paz”.

Participantes desse evento como professoras pesquisadoras e poetas, aproveitamos o ensejo para entrevistar Lena. Através desta entrevista, ouvimos as suas reflexões sobre o sentido ético e estético da gestão cultural, sobre o poder da “palavra que desarma” e ainda sobre o empoderamento tão necessário para a escrita das mulheres. E ao fundo tocava uma banda de porro, um tipo de música folclórica colombiana.

Quero começar perguntando: o que foi que motivou você? O que fez com que tudo isto começasse? De onde veio a ideia?

O início de tudo se relaciona com as oficinas literárias que o escritor José Luis Garcés Gonzáles¹ oferecia em Montería [a cidade mais próxima], e com o fato de que veio ministrá-las também aqui em Cereté. Nessas oficinas, algumas jovens participantes começaram a escrever. Entre elas estava Jaidith Soto², que é de Cereté e que é participante do Encontro, estava Kenia Martínez³, que é fruto disso também e estava uma menina, Katriz Castellanos⁴, que hoje é apresentadora de um noticiário nacional de televisão, além de outras duas meninas daqui de Cereté, muito jovens. E aí José Luis teve a ideia de fechar a oficina priorizando algo que lhe chamou a atenção: o fato de que havia mais jovens mulheres do

que homens. Então ele promoveu o encerramento da oficina com um recital em Montería que aconteceu nos primeiros dias de dezembro, um só dia, uma só noite. No ano seguinte, ele voltou a fazer o recital, e aí nasceu o Recital de Mulheres Poetas de Córdoba. No entanto, não encontrou eco ou apoio em Montería, enquanto nós, em Cereté, que amamos a cultura, estávamos vivendo um processo interessante devido à presença do poeta Raúl Gómez Jattin, e dos seus recitais que nós promovíamos em vários lugares. Em Cereté, as pessoas se sentiam estimuladas por esse processo cultural que acontecia e que começava a ter certo reconhecimento. José Luis, que estava um pouco desiludido porque não havia encontrado apoio em Montería, nos propôs, então, que levássemos a ideia a Cereté. Imagine estar à frente de uma proposta como esta, tendo como base o fato de que as jovens que estavam escrevendo eram cereteanas e que andávamos justamente em um processo de sensibilização cultural no município. Imediatamente respondemos: Sim! O evento foi mudando de estilo e já não era simplesmente

o encerramento de oficinas literárias, pois passamos a incluir outras poetisas, não apenas do estado [de Córdoba], mas também do caribe colombiano. Não tínhamos espaços próprios para a cultura, então o cenário inicial do Encontro em Cereté foi este hotel, o Hotel Cacique T. Aqui havia um auditório. O recital foi crescendo em número de participantes e em presença de público, e chegamos a fazê-lo no pátio do hotel, ao redor da piscina. Tudo isso foi criando muita expectativa na comunidade, otimismo nas pessoas, e fomos nos convencendo de que estávamos fazendo um evento bem feito, e que tínhamos de fazê-lo maior a cada dia. Começamos em 1993, e em 1995 paramos de chamá-lo de Recital de Mulheres Poetas de Córdoba e passamos a chamá-lo simplesmente de Encontro de Mulheres Poetas. Com o objetivo de que não fosse simplesmente feito com a presença das poetisas de Córdoba, mas também com outras poetisas, de outros lugares. Em 1995, vieram poetisas de Barranquilla⁵, de Santa Marta, do Caribe, e entre elas uma poetisa colombiana nascida em Barranquilla, Meira Delmar⁶, de muito reconhecimento, pelo menos na costa do Caribe. Trazer Meira a Cereté tornou-se um acontecimento. Além de Meira, tivemos também a oportunidade de trazer uma poetisa cubana chamada Zoélia Frómata⁷, e isso fez com que o Encontro começasse a despertar mais o interesse da comunidade, a ser marcado como uma novidade grande, algo sui generis do Caribe, porque além das poetisas locais, também havia presença internacional. A cada ano que passava, a cada evento, aumentava o desafio. Eu reconheço que sou uma mulher de desafios. Quando me dão uma coisa, logo quero que me deem uma maior. Isso foi me motivando muito. A cumplicidade que a comunidade teve... porque começavam a se identificar, já que sabiam que em Cereté estava acontecendo algo diferente e que as mulheres que vinham para cá eram poetisas; os moradores as paravam na rua e diziam “você são as poetisas”. Isso foi nos dando elementos para continuar. Já tínhamos condições de chamá-lo de *Encontro Nacional e Internacional de Mulheres Poetas*. Tivemos, então, três nomes: Recital de Mulheres Poetas de Córdoba, Encontro de Mulheres Poetas e, definitivamente, Encontro Nacional e Internacional de Mulheres Poetas, de 1995 para cá. Outro acerto, além do reconhecimento da comunidade, foi que começamos a nos dar conta de que nossa região, o Caribe, tem grande interesse pela música, pela dança. Se colocamos uma banda folclórica, todo mundo se aglomera para assistir. Quando nos demos conta disso, pensamos: pois vamos reunir o público ao redor da poesia. Isso levou tempo. Em outros recitais que fazíamos, com homens e mulheres, ou com convidados especiais, conseguíamos reunir 30 ou 40 pessoas, o que era muito para uma população não acostumada a escutar a leitura de textos. Mas isso nos estimulou muito porque víamos que se reuniam cada vez mais pessoas ao redor da poesia. Por outro lado, era estimulante também nos darmos conta de que essa proposta, esse programa, não era só para intelectuais e escritores. Aqui, não. Começou a vir um público heterogêneo, diverso. Ao lado dos intelectuais podia estar a lavadeira, o pai levando os filhos para escutarem. Então foi um público que foi sendo construído, que foi aprendendo a escutar a poesia. Faziam silêncio absoluto ao redor da

poesia. Foram esses pequenos ou grandes sucessos que começaram a sensibilizar para o poético, para o que representa a criação literária e o respeito à palavra.

Sabemos que na história da Colômbia há momentos muito duros de violência e guerrilha. Neste contexto, como foi manter esse evento?

Creio que o evento ajudou a construir espaços de convivência; conseguiu construir a crença de que a palavra desarma, que ajuda a dar nobreza ao coração das pessoas para que o ser humano seja cada vez mais sensível. Esses espaços nunca sofreram atentados por determinados grupos à margem da lei, apesar de Córdoba ter sido um estado muito golpeado pela guerrilha e pelos grupos paramilitares. Nós, aqui em Cereté, não vivenciamos tudo isso tão de perto, mas eles estavam ao nosso redor, como em Montería, aqui ao lado. Cereté permaneceu como um espaço de paz. Não tivemos, como disse, essa presença direta, o que ajudou a gerar muito mais confiança na capacidade da cultura de criar momentos de parcimônia, em meio a toda a dor e tristeza que se possa ter. Era o espaço marginal frente ao que estava acontecendo ao redor. Lembro uma vez, quando chamamos a poetisa espanhola Inmaculada Contreras⁸, como seus amigos a questionavam sobre vir a Cereté, vir a Córdoba, já que a situação era complicada e difícil. Inclusive ela lia as páginas na internet e só encontrava a Colômbia negativa. No entanto, ela se arriscou e encontrou uma Cereté completamente diferente; uma Cereté calma, onde se podia sair, ao contrário do que ouvia fora. Ela dizia: “não sou conquistadora, fui conquistada. Cheguei e esta terra me conquistou.” E de fato ela voltou três ou quatro anos depois. Em outra ocasião, convidamos uma poetisa alemã, mas a embaixada da Alemanha não a deixou vir. Este foi o único caso de um país que não permitiu a vinda de uma poetisa. Fora isso, nunca tivemos nenhum tipo de inconveniente.

Podemos dizer que a presença da poesia em Cereté ajudou a proteger a cidade da violência? Seria demais pensar nestes termos?

É possível. Não sabemos nunca até onde chegam os acontecimentos. Quanto se pôde construir de sensibilidade entre os ceretanos? Nos construímos como referência de uma cidade cultural. Cereté se tornou o epicentro da cultura, e a poesia marcava a diferença em relação a outras coisas que eram feitas no resto do estado de Córdoba. Nosso encontro era o evento literário mais importante da região, então sim... é possível que se alcance isso. Creio que não temos por que negar que construímos identidade, consciência; que se pode favorecer episódios de paz. Isso pode ser construído. Creio que sim, é possível.

Ficamos impressionadas com a presença da violência como tema recorrente nos poemas lidos no Encontro. Como você vê a importância desse tema na poesia da Colômbia e de Cereté?

Creio que o escritor e o poeta não estão à margem dos acontecimentos

de sua cidade, de seu país, do mundo. Somos cidadãos do mundo. A situação de violência se generalizou completamente, e as mulheres poetas foram muito afetadas. Foram violentadas em seus direitos, em seu trabalho, em sua escrita, na falta de reconhecimento, nesta sociedade que tem sido muito machista, sobretudo o Caribe colombiano. A escrita é uma maneira de reagir, de fazer uma catarse frente a tudo o que vivem e que lhes têm angustiado. Há casos específicos de poetas que vêm ao nosso Encontro, que viveram na própria carne situações complicadas porque estão trabalhando em zonas de conflito. Por exemplo, Kenia Martínez, que terminou sua licenciatura e não conseguiu emprego aqui, teve que sair e trabalhar em regiões de conflito. Ela viveu na própria carne, teve que refugiar-se, viu passar os fuzis em frente à sua escola. Então isso inevitavelmente vira tema. Ou outra que escreveu sobre o assassinato de um familiar. Penso que não somos insensíveis a isso e que, de alguma maneira, há de se mostrar, para que não se repita. Mostrar não como apologia, mas para curar, para perdoar e para que não se repita. Na Colômbia, por exemplo, houve períodos históricos em que a literatura fez muita alusão às temáticas da violência, até o ponto de haver uma denominação: “literatura da violência”.

E você acha que a poesia pode curar isso? Tem esse poder?

É claro que cura!

Você disse na abertura do evento que “a poesia salva a palavra”. Isso nos pareceu muito bonito. Juntando as duas coisas, você pode comentar: a poesia salva a palavra de quê?

A poesia salva essa palavra que parece estremeçada pela dor, pela angústia, por nos sentirmos sem esperanças. Creio que a poesia consegue nos meter novamente no calor da vida e fazer com que se regenerem os tecidos da desconfiança, do desamor, do desapego pela guerra, desapego por todas as situações. E que floresça justamente a sensibilidade. Eu não poderia entender nunca um poeta que não fosse sensível, que não tivesse alta sensibilidade, que escrevesse por escrever, que armasse a palavra por armar. Não acredito. O poeta precisa ter essa bagagem, essa construção da linguagem. Mas além do rigor do trabalho, tem que ter muito coração, muita sensibilidade. Então a poesia salva justamente essa palavra que, em algum momento, ficou desbotada pelo sangue que jorrou pelo nosso país, pela insensibilidade que pode existir. Por meio do Encontro, conseguimos alcançar alguns espaços como os hospitais. As poetas foram ler no pavilhão das crianças, porque é preciso tocá-las e salvá-las. São espaços em que, apesar da dor que podem sentir e por estarem presas lá, escutar uma palavra boa, olhar um rosto alegre que conta um conto, que lê uma poesia, regenera tecidos. Gostaríamos de poder fazer isso sempre, nem que seja uma vez, duas, três. Então demos o nome “Poesia que salva”. Queríamos chegar a esses lugares onde estão os doentes. Por alguns anos, minha cunhada foi gerente de uma clínica em Montería e pudemos fazer esse exercício de “a poesia salva”. Além dos doentes, reunimos os trabalhadores da clínica, os médicos, enfermeiros. E precisam ver com que fervor eles receberam

isso. Será que nesses espaços não cabe a poesia? Cabe! E fomos às prisões. As mulheres que estão presas, com o coração dolorido, a poesia pode ajudá-las muito. Em algum momento, fizemos oficinas com elas. Algo sempre fica. Então a poesia salva.

Lena, como você gostaria de ser apresentada?

Mulher de desafios, uma mulher comum. Creio que é preciso ser muito simples e muito humilde para construir coisas grandes. É o que tenho tentado ser, sempre. Dar às pessoas a oportunidade que não têm de ir a lugares e espaços diferentes. Há muitas pessoas, crianças, jovens, adultos, que não têm essas oportunidades. Penso que nosso trabalho tem de estar dirigido também a isso, a que outras pessoas tenham essa oportunidade. E considero que preciso ser essa ponte de chegada aos que estão ávidos por essa construção de vida. Eu sou uma gestora cultural. Sou professora de Linguística e Literatura e venho exercendo atividades paralelas, docência e gestão cultural.

O que você pensa sobre a ética e a estética na gestão cultural?

A gestão é isto: um canal que permite que o artista chegue ao seu público e que o público se retroalimente com tudo o que está fazendo. Isso é gestão cultural. Uma ponte entre o artista e o público. E quando falo “artista”, me refiro tanto ao artista reconhecido quanto àquele da nossa localidade, que quase não é reconhecido. É preciso dar a ele o justo valor. E trabalhar com fundamentos essenciais na gestão cultural, que têm a ver com a ética e a estética. São dois valores imprescindíveis frente a qualquer coisa que se proponha na gestão cultural. Creio que em parte o programa “Casa de Poesia” surge justamente por essa necessidade de levar oportunidade a quem não a tem. Em minha história, convivi com o poeta Raúl Gómez Jattin em minha casa. O poeta entrou em minha casa e isso foi um deslumbramento tal que ajudou quem não gostava muito de poesia a gostar de poesia. Os sobrinhos e todos os que estavam ao redor começaram a interessar-se muito mais. Simplesmente porque o poeta entrou em nossa casa. Então pensei nesse episódio, em como nos serviu, em como nos sentimos orgulhosos disso e concluí: as pessoas da região também podem se sentir orgulhosas de que a poesia entre em suas casas. Não esperemos nunca que as pessoas cheguem, vamos buscá-las, vamos em busca delas. Então começamos justamente nos lugares mais distantes da zona urbana. Lembro uma vez, na região de Martínez, onde estivemos este ano de novo, quando chegamos e falamos com a senhora que era líder no lugar. Propus a ela fazer uma “Casa de Poesia”. Primeiramente, ela se entusiasmou e disse: “Sim, claro, como não! Vamos organizar, você me explica como vamos fazer”. Estávamos firmes na organização e eu lhe disse que sempre fazíamos aos sábados. Porém, ela se mostrou preocupada de que sábado as pessoas que teriam interesse poderiam estar estudando e não iriam.... Mas a minha resposta foi de que estes não me interessavam. Me interessavam ela, sua família e seus vizinhos. Eram eles que me interessavam naquele momento. Porque os que estão fora podem encontrar isso na universidade, nos livros. “Ah, bom, se você

diz!”... E a senhora organizou seu encontro. Chegaram pessoas que terminaram por também dizer poesias que haviam aprendido quando estavam no colégio. Ou que eles mesmos escreveram na juventude. Acontecem coisas maravilhosas.

E você é a coordenadora do Centro Cultural de Cereté?

Isso é uma outra história. Nascemos como uma Casa de Cultura, uma fundação, uma ONG cultural. No entanto, com o Encontro que vínhamos fazendo, nos dedicamos à tarefa de conseguir um espaço que fosse digno para a cultura. Para que não tivéssemos que recorrer ao espaço de um hotel, de um colégio, para executar as atividades. E não havia isso em Cereté. A cultura precisa ser tratada com dignidade. Não podemos colocá-la em qualquer lugar, em qualquer espaço. Então éramos uma “Casa da Cultura” no ar, porque não tínhamos edificação própria. Em um dos eventos do Encontro que fizemos ao redor da piscina, veio o prefeito de então, sempre vinham autoridades. No final do evento, ele veio me felicitar; viu que estava cheio, que as pessoas estavam contentes, felizes. E eu disse: “olha, é para isso que precisamos de uma edificação para a cultura, um centro de cultura”. Havia em Cereté um mercado público, que já tinha sido transferido para outro lugar. Uma edificação de estilo republicano que estava feia, devastada, era preciso reconstruí-la. O prefeito anterior não investiu, porque precisava de muito recurso. Mas o prefeito que falou comigo achou que seria possível que ocupássemos a casa. Não se passaram 15 dias e ele já estava autorizando a restauração da edificação como Centro Cultural. Isso foi em 1996. Mas faltavam algumas coisas pra terminar a restauração. Por sorte, tínhamos boas relações com o Ministério da Cultura da Colômbia, pois eu estava metida na gestão cultural e sempre tinha atividades no estado e participação em coisas nacionais. E aí conseguimos entrar em um programa do Ministério da Cultura chamado Casa Grande, que era justamente a restauração de edificações velhas, antigas, para convertê-las em centros culturais. Fizemos todo esse trabalho e então a casa foi restaurada. Pensamos imediatamente no nome de Raúl Gómez Jattin e ninguém se opôs. Toda a parte de móveis e equipe foi pelo Ministério da Cultura, inclusive a praça. Quando inauguramos o Centro Cultural, o ministro e o prefeito vieram à inauguração. Foi um acontecimento grande. E o prefeito disse que não poderia haver outra pessoa que não eu para ficar ali. Então fui para a direção do Centro Cultural Raúl Gómez Jattin *ad honoris*. E eu era docente! Então mantive meu trabalho como professora, mas continuei minha atividade na direção do centro cultural. Permaneci por 14 anos. Bom, isso teve um efeito grande, sobretudo na formação de público. Estabelecemos precedentes para a cultura. E pude trabalhar independentemente da cor política, me davam toda a autonomia possível. Quando não havia recursos, nós buscávamos. Eu penso que gestão é isto! Não é esperar que me deem para fazer. Preciso buscá-lo senão não há. Mas, há quatro ou cinco anos, entrou um prefeito que me olhou com cores políticas e aí tive problemas. Começou a cair a animação cultural e a deterioração física da edificação. Nunca tínhamos feito a inauguração do Encontro do lado de fora, sempre era dentro. Este ano não pudemos fazê-lo porque está deteriorado. Já não estou lá. Mesmo assim, continuamos

fazendo nosso trabalho como fundação independente. Quando aconteceu minha saída do Centro Cultural é que me dei conta do quanto eu havia feito. Foram muitas as vozes que lamentaram minha saída, que escreveram ou falaram a meu favor, sem que eu pedisse. E as pessoas perguntavam o que iria acontecer com o Encontro de Mulheres Poetas. E eu me dei conta: o Encontro transcendeu. A comunidade o sente dela, quer defendê-lo. O que vai acontecer agora? Não era um programa de governo, era completamente independente. E aí veio o desafio: no primeiro ano da administração desse prefeito ele disse que não daria recurso. Então eu disse ao grupo de trabalho: “este ano vamos fazer um Encontro ainda maior! Não vou cruzar os braços diante disso. Se não há recursos, vou buscá-los”. Por sorte, o Ministério da Cultura tem me acompanhado sempre. Com poucos recursos, sim, porque não são generosos. Mas precisávamos do mínimo para fazer. E este ano foi assim, sem o apoio da administração. Isso foi em 2012, mais ou menos. Quando a administração viu que estava tudo montado, então mandaram uma pessoa e disseram que poderíamos fazer o Encontro no Centro Cultural. Como eu sempre fui do critério de que as administrações passam e as instituições ficam, respondi: “Este não é um espaço deles, é do município de Cereté, é da cultura. E vamos fazer lá!” E fizemos no Centro Cultural, sem o seu apoio econômico.

Você tem uma capacidade incrível de mobilizar pessoas e tem uma equipe fantástica.

Sim, o que é mais bonito na equipe é que ninguém ganha dinheiro. Estão aqui por compromisso. Tenho mais de trinta anos de centro cultural e nunca me pagaram por isso. E mantenho a docência justamente porque minha situação econômica depende da docência.

Isso é um problema. Não seria bom que houvesse o reconhecimento profissional desse trabalho?

É claro que sim! Este grupo de pessoas vai chegando e ficando. É um grupo voluntário, por isso os chamamos de “anjos clandestinos”, porque chegam jovens, se vinculam, depois vão para a universidade. Mas precisamos de outro trabalho por causa da situação econômica. Nos mantemos fazendo e apresentando projetos, não somente o Encontro, mas teatro, oficinas literárias, eventos que fazemos durante o ano, como recitais poéticos com grupos de músicos. Tratamos de nos manter em atividade.

Mulheres que escrevem – reconhecimento e autoconfiança.

Com tudo isso, as mulheres da poesia em Córdoba ganharam respeito. Há mulheres poetas em maior número do que homens poetas. No começo, eles questionaram: “por que só mulheres?” Bom, a poesia não tem gênero, é verdade, mas sem dúvida temos de devolver a elas o que nunca tiveram. Precisávamos começar a construir o imaginário de que a mulher tem seu valor dentro da escrita e que a literatura das mulheres, que elas tinham guardada, é tão valiosa quanto a dos homens. Era preciso gerar isso para que esse cânone literário, começando em nossa localidade, fosse se estendendo. E começaram a valorizar o trabalho, tanto que têm aparecido outros lugares que convocam mulheres escritoras, poetas.

Em Córdoba?

Também. Não como este, é claro, mas sei que um grupo literário de Montería, por exemplo, convida mulheres poetas também. E é importante para criar confiança, autoconfiança na mulher, para estimulá-la a continuar trabalhando. Tem de seguir produzindo. E agora há muitos encontros mais que têm estimulado a criação, o despertar, o rigor do trabalho, a persistência. Houve poetas que começaram a escrever no Encontro, mas se deixaram de escrever, tchau, amiga! Só fica quem

persiste, quem mantém, quem segue no trabalho de qualidade. Damos espaço às jovens, mas elas também têm de começar a trabalhar. Se não o fazem, elas mesmas vão se excluindo do espaço. É a qualidade que prima aqui no Encontro. Fazemos uma seleção muito rigorosa de poetas que vêm para cá. Talvez em outros espaços quem quiser pode ir e pode ler. Aqui, não. Temos de observar as coisas e manter a qualidade. E conseguir que as poetas que vêm aqui comecem a ganhar prêmios nacionais e internacionais.

1 Escritor e ensaísta nascido em Montería, estado de Córdoba, na Colômbia, em 1950.

2 Jovem poeta, gestora cultural e oficina colombiana; reside em Lima, Peru.

3 Kenia Martínez Gómez, jovem poeta e professora colombiana.

4 Katriz Carminia Castellanos Caro nasceu em Cereté e mora em Bogotá. É jornalista e apresentadora de noticiário na Colômbia.

5 Cidade colombiana ao norte do país, capital do estado de Atlântico, no mar do Caribe.

6 Na realidade, seu nome é Olga Isabel Chams Eljach (1922-2009). Colombiana de Barranquilla, de ascendência libanesa, é considerada a poeta de maior destaque da poesia colombiana do século XX. Vários espaços e prêmios levam seu nome. Publicou dez livros e obteve vários prêmios por sua produção literária.

7 Zoélia Frómata Machado, poeta cubana da cidade de Bayamo, residente no México, onde atua como professora. Publicou vários livros de poesia, obteve diversas premiações e figura em antologias em várias partes do mundo.

8 Poeta e professora espanhola andaluza, nascida em Almería, em 1968.

POEMAS DE MEIRA DELMAR

TRADUÇÃO DE ANA ELISA RIBEIRO

INSTANTE

INSTANTE

*Ven a mirar conmigo
el final de la lluvia.
Caen las últimas gotas como
diamantes desprendidos
de la corona del invierno,
y nuevamente queda
desnudo el aire.*

Vem ver comigo
o final da chuva.
Caem as últimas gotas como
diamantes desprendidos
da coroa do inverno,
e novamente o ar
fica desnudo.

*Pronto un rayo de sol
encenderá los verdes
del patio,
y saltarán al césped
una vez más los pájaros.*

Logo um raio de sol
iluminará os verdes
do pátio,
e saltarão à grama
uma vez mais os pássaros.

*Ven conmigo y fijemos el instante
- mariposa de vidrio -
en esta página.*

Vem comigo e fixemos o instante
- mariposa de vidro -
nesta página.

SONETO INSISTENTE

SONETO INSISTENTE

*Cuando presente el corazón la gloria
de ser libre por gracia del olvido,
me llegue entre la noche, como el ruido
del mar en la distancia, tu memoria.*

Quando o coração presente a glória
de ser livre graças ao olvido,
me chega na noite, como o ruído
do mar distante, sua memória.

*Con ella viene la tenaz historia
de lo que pudo ser y nunca ha sido.
Arduo amor ni ganado ni perdido,
batalla sin derrota y sin victoria.*

Com ela vem a tenaz história
do que pude ser e não tenho sido.
Árduo amor nem ganhado nem perdido,
batalha sem derrota e sem vitória.

*Cada vez que en mi mano reverdece
la rama del olvido y aparece
después de la tormenta la alegría,*

Cada vez que em minha mão reverdece
a rama do esquecimento e aparece
depois da tormenta a alegria

*algo tuyo regresa de la nada
y de nuevo destruye la dorada
esperanza fugaz de un claro día.*

algo seu regressa do nada
e de novo destrói a dourada
esperança fugaz de um claro dia.



POEMAS DE MARÍA CLARA GONZÁLEZ (BOGOTÁ)

TRADUÇÃO DE DIANA ARAÚJO PEREIRA

OBERTURA **ABERTURA**

*Algo dentro de mí
-otro horizonte-
amanece
y se cubre de infinitas estrellas.*

Algo dentro de mim
-outro horizonte-
amanhece
e se cobre de infinitas estrelas.

*Septiembre me conmueve
y permite la forma que transcurre*

Setembro me comove
E permite a forma que transcorre

*Comprendo cada gota:
la lluvia cae
en cristales justos.*

Comprendo cada gota:
a chuva cai
em janelas justas

*Existir
es tejer nuestra porción de cosmos
y esa nimia puntada
será parte de la urdimbre absoluta
que se expande.*

Existir
é tecer nossa porção de cosmos
e esse mínimo ponto
será parte da textura absoluta
que se expande.

ENCUENTRO **ENCONTRO**

*Si la vida
nos regala otro encuentro
te dejaré ser tú
seré
sencillamente yo*

Se a vida
nos conceder outro encontro
te deixarei ser tu
serei
simplesmente eu

*Escucharé
cuando se unan
la melodía
de tu música
y la mía*

Escutarei
quando se unirem
a melodia
de tua música
e a minha

DIANA ARAÚJO PEREIRA

é carioca, hispanista, poeta e professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em Foz do Iguaçu, PR.

ANA ELISA RIBEIRO

mineira de Belo Horizonte, é escritora e professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

GEDEÃO E AS LAGARTAS

LINO DE ALBERGARIA

Última obra publicada por Antonio Carlos Viana, falecido em outubro de 2016, *Jeito de matar lagartas* (Companhia das Letras, 2015) recebeu com justiça vários prêmios e, conseqüentemente, o aval de diversas comissões julgadoras envolvidas com nossos concursos literários. Trata-se do merecido reconhecimento a um contista que, dominando as ferramentas do gênero e da linguagem, despede-se dos leitores com um livro marcante, coroamento de uma trajetória consistente, em que se percebe um olhar crítico e também compreensivo sobre pessoas aparentemente comuns e que, de certa forma, revela muito sobre o país e a época.

Os contos que integram esse livro nos propõem um painel de muitos personagens observados em algum momento de suas vidas pela lente de um humor que mescla ironia aguda e uma condescendência generosa com as deficiências e as limitações humanas, ao revelar a intimidade de criaturas às voltas, na maior parte das narrativas, com as respostas do corpo à marcha do envelhecimento e a mudanças na vivência da sexualidade.

Se a infância surge em alguns momentos, ela é reconstituída no nível da recordação, quando o mundo evocado funcionava em um ritmo mais lento, mais próximo da natureza, mas nos surpreendendo no instante em que os acontecimentos trazidos à tona nos provocam algum estranhamento, ao mesmo tempo em que evidenciam uma crueldade coletiva que parece comandar as relações humanas.

Assim acontece no texto que dá título ao livro. As lagartas que anunciam um verão mais quente invadem a paisagem e provocam sua matança, envolvendo garotos que entram na adolescência. Reflete o narrador, do ponto de vista de sua mocidade: “Eu me perguntava porque existiam coisas no mundo que não serviam para nada, como as lagartas. Só serviam para tirar nosso sossego.” A aparente simplicidade das histórias,



pontuadas por um estilo apuradamente conciso, surpreende por reflexões como essa. As lagartas um dia desaparecem, assim como surgiram do nada. Teriam virado borboletas. Mas é seu momento intermediário nesse ciclo vital o que interessa, como se vê no final, em que a tia Marta é flagrada agindo como se fosse uma delas.

Um mundo adulto já decadente pode ser apreendido pela juventude que se debruça sobre os fatos da vida e por eles é envolvida. Seu Lilá, o Cara de Boneca, tão ambíguo, aparece no frio, “um dia depois do São João, as cinzas das fogueiras ainda fumegando, o cheiro bom de pólvora no ar”. Sua presença é uma afirmação de que os meninos cresciam, aprendendo o des-

prezo e a hipocrisia dos adultos, “e Seu Lilá era apenas uma confirmação de que o mundo se dividia entre os de coração aflito e os de maldade extrema”.

Em “Muralha da China”, outro tipo de adultos se arrisca num faz de conta para encobrir a realidade, deixando apreensivas e confusas as crianças a quem tinham ensinado que não se deve mentir. E então, paradoxalmente, os irmãos se divertem, almoçando uma rabadada ou montando um quebra-cabeças, enquanto os pais, acovardados e constrangidos, adiam a notícia ruim para dona Irene, que, sozinha, intui a tragédia que veio afetar sua vida.

Choques maiores ou menores vão marcando as experiências juvenis para se chegar a uma velhice que tem de confrontar a solidão, como dona Ineide, flagrada no momento em que “o telefone não toca e o silêncio toma conta de tudo”. Mas a velhice é capaz de rompantes de consciência e sabedoria, quando não é possível entender todo o mistério do silêncio. Essa aceitação do inevitável é o que revela a personagem, quando toma tardiamente uma decisão. “O telefone tocou, tocou, tocou, mas ninguém atendeu. Dona Ineide colocou o telefone de volta no gancho e foi cuidar da casa, que andava no maior abandono”.

Mas outras mulheres e alguns homens não se mostram

tão capazes de reagir pelo recurso eficaz ao bom senso. Dona Katucha perde os admiradores e os amantes, mesmo recorrendo a um terapeuta. Aos sessenta anos, seus biquínis e as saias curtas evidentemente só revelam a flacidez do corpo. Pior, seus amigos vão morrendo, inclusive o terapeuta. O coração se esvazia quando na academia os homens nem percebem seu traje provocante. No shopping, bebe um chope que desce amargo “e se vai toda trôpega pelos corredores, evitando as vitrines espelhadas”, num sinal de que, a contragosto, vislumbrou a verdade.

A academia de ginástica, o shopping, as viagens turísticas, as aulas de pilates, os salões de dança, os remédios florais e as dietas vão envolvendo, entre uma consulta médica e outra, as pessoas apanhadas no rótulo da terceira idade, compondo um cenário bastante comum para uma geração com hábitos tão semelhantes de consumo e lazer.

Corpos que degeneram, provocando uma aguerrida resistência para enganar a finitude e a solidão próprias da espécie, chegam a um momento culminante com a apatia do professor Locarno, na festa desanimada de seu próprio aniversário.

Mas a porta para escapar do sufoco que vai se revelando no cotidiano da maioria pode se abrir para Lucy, em cujo nome a heroína reconhece a letra de uma alusiva canção dos Beatles a outras percepções. Quer se purificar da falta atordoante de felicidade, acolhendo um mendigo, passo decisivo para explorar, até onde for possível ir, tudo o que não costuma ser habitual.

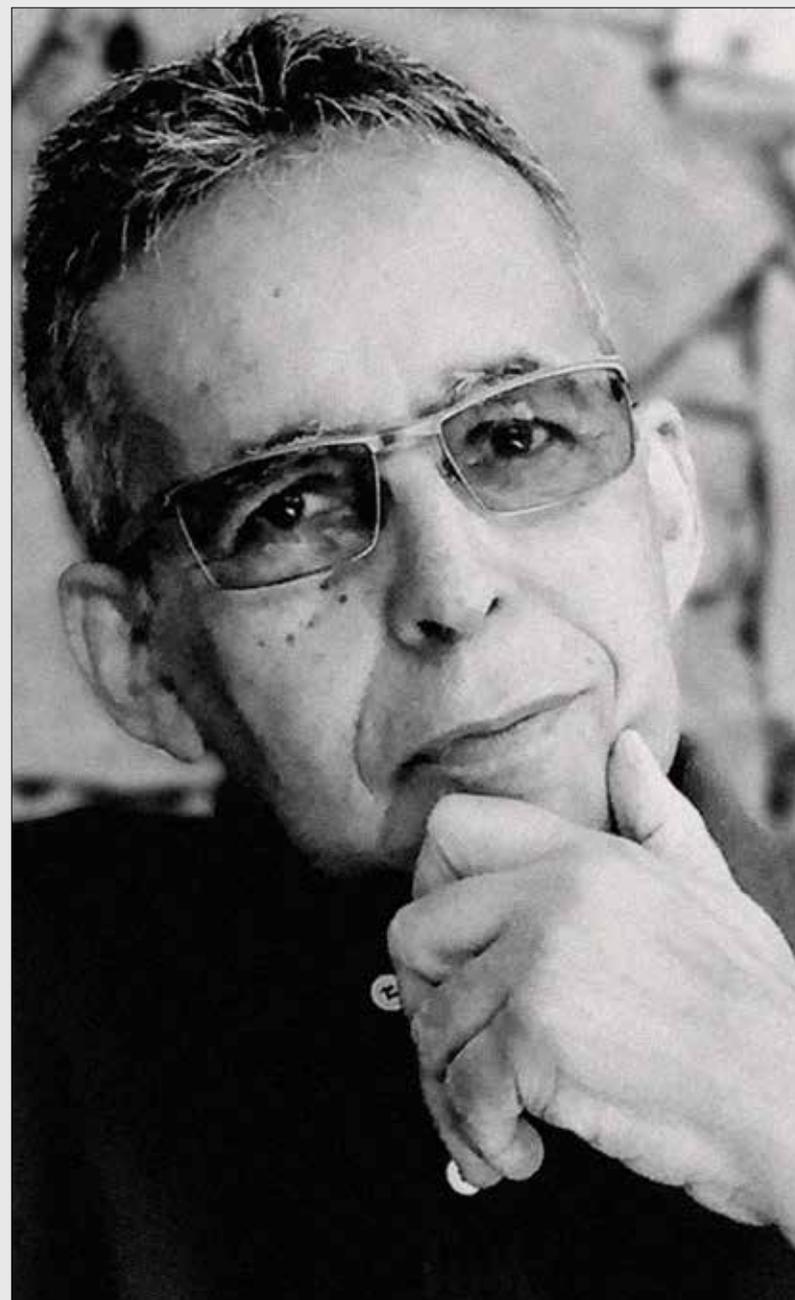
Madame Viola, em compensação, foge da realidade por um escapismo mais banal, interpretando errado os sinais da vida, frequentando centros espíritas e tomando calmantes. É que não tem coragem de tomar por si mesma uma atitude libertadora, mudando seu destino. Por isso faz inutilmente uma escova progressiva.

Cremação, missa de sétimo dia, rituais fúnebres contra-põem-se, em outras histórias, à descoberta do ponto G ou a um misticismo que envolve sexo e amor – ou sua falta –, num jogo que, no caso de dona Maria Reina, ameniza a “escuridão do corpo”.

A Bíblia se mistura ao *skype* e à *lan house* no conto final, citando a história de Gedeão, “que malhava o trigo no lugar errado”, trocando a eira, onde são tratados os cereais, pelo lagar, onde se esmagam as uvas para se preparar o vinho. Cada personagem, cada conto, que, um por um, se destacam desse amplo painel, levam o leitor a se perguntar se alguém efetivamente consegue malhar o trigo no lugar certo. Ou, como o juiz e soldado bíblico, por alguma outra razão, busca realizar sua tarefa da forma que lhe é possível, mesmo que se torne desajeitada e, à primeira vista, complicada ou confusa.

Quase sempre sem jeito, provocando nossa tendência a zombar de suas atitudes que beiram ou mesmo mergulham no ridículo, os heróis prosaicos dessas histórias curtas nos exibem,

com seus pequenos gestos, pensamentos e lembranças, diferentes tentativas para lidar com sua condição humana.



O escritor sergipano Antonio Carlos Viana

LINO DE ALBERGARIA

é doutor em literaturas de língua portuguesa, autor de vários títulos de literatura juvenil e, entre outros, dos romances *Os 31 dias* e *Um bailarino holandês* (Scriptum, 2015).

SOBRE A SEDE DE LORD HOLLAND JUNTO A MARGATE, KENT
(1768, 1769)

ON LORD HOLLAND'S SEAT NEAR MARGATE, KENT
(1768, 1769)

THOMAS GRAY

TRADUÇÃO DE JAQUES MARIO BRAND

*Old, and abandoned by each venal friend,
Here Holland took the pious resolution
To smuggle some few years and strive to mend
A broken character and constitution.*

Vendo-se velho e abandonado dos amigos
Neste lugar tomou Lord Holland a decisão
De dar-se um tempo a mais e refazer consigo
Os danos d'alma e os males da constituição.

*On this congenial spot he fixed his choice,
Earl Goodwin trembled for his neighboring sand,
Here seagulls scream and cormorants rejoice,
And mariners, though shipwrecked, dread to land.*

Achou por bem fixar aqui o seu assento.
Lindeiro, Goodwin tremeu por suas areias.
Gaivotas, pelicanos gritam aqui ao vento,
Nem naufragos querem surdir nas marés cheias.

*Here reign the blustering North and blighting East,
No tree is heard to whisper, bird to sing,
Yet Nature cannot furnish out the feast,
Art he invokes new horrors still to bring.*

Reino dos ventos Norte e Leste e seus açoites,
Trinados não se ouvem nem mover de folhas.
Tendo porém por pouca a treva dessas noites,
Trata com Arte de fazer outras escolhas.

*Now moldering fanes and battlements arise,
Arches and turrets nodding to their fall,
Unpeopled palaces delude his eyes,
And mimic desolation covers all.*

Pensa incêndios, pensa muros derrubados,
Arcos e torreões curvando-se às ruínas.
No seu delírio vê palácios despovoados.
Cumprida a praga que ele roga, imagina.

*"Ah!" said the sighing peer, "had Bute been true,
Nor Shelburne's, Rigby's, Calcraft's friendship vain,
Far other scenes than these had blessed our view,
And realized the ruins that we feign."*

E num suspiro diz: "Se Bute fosse veraz,
E de Shelburne, Calcraft e Rigby a amizade,
Cenas bem outras, anticonstitucionais,
Fariam um show completo de ferocidade.

*"Purged by the sword and beautified by fire,
Then had we seen proud London's hated walls,
Owls might have hooted in St. Peter's choir,
And foxes stunk and littered in St. Paul's."*

"Purgadas pelo ferro, embelezadas a fogo,
Veríamos da altiva Londres as muralhas,
O coro de São Pedro, a nave de São Paulo
Livrados às raposas, mochos, e à canalha."

A CAMINHO DO GRANDE ESPETÁCULO

CONTO DE FRANCISCO DE MORAIS MENDES

A cordou com a sensação de mal-estar que vem dos sonhos atribulados – a tensão nas costas, o incômodo na panturrilha. Filas intermináveis se entrelaçavam e, quando cruzava com outra fila, acabava relegado a um lugar pior, com o pressentimento de que não chegaria nunca a vez de comprar os ingressos para ele, a mulher e o filho.

Agora, em estado febril, recorda-se do pesadelo quando atingem o alto da esplanada: vê a multidão não mais em filas, mas num imenso triângulo afunilando-se em direção à boca de concreto. Imagina pelo menos seis entradas idênticas a essa. O estádio fora reformado, e não fazia mais ideia de como seria lá dentro. Depois de contemplarem a imensa construção e a massa se deslocando, começam a descer a esplanada. Ao olhar para trás, percebe outra multidão deslizando em direção a eles. Logo serão envolvidos e tudo se tornará uma coisa só.

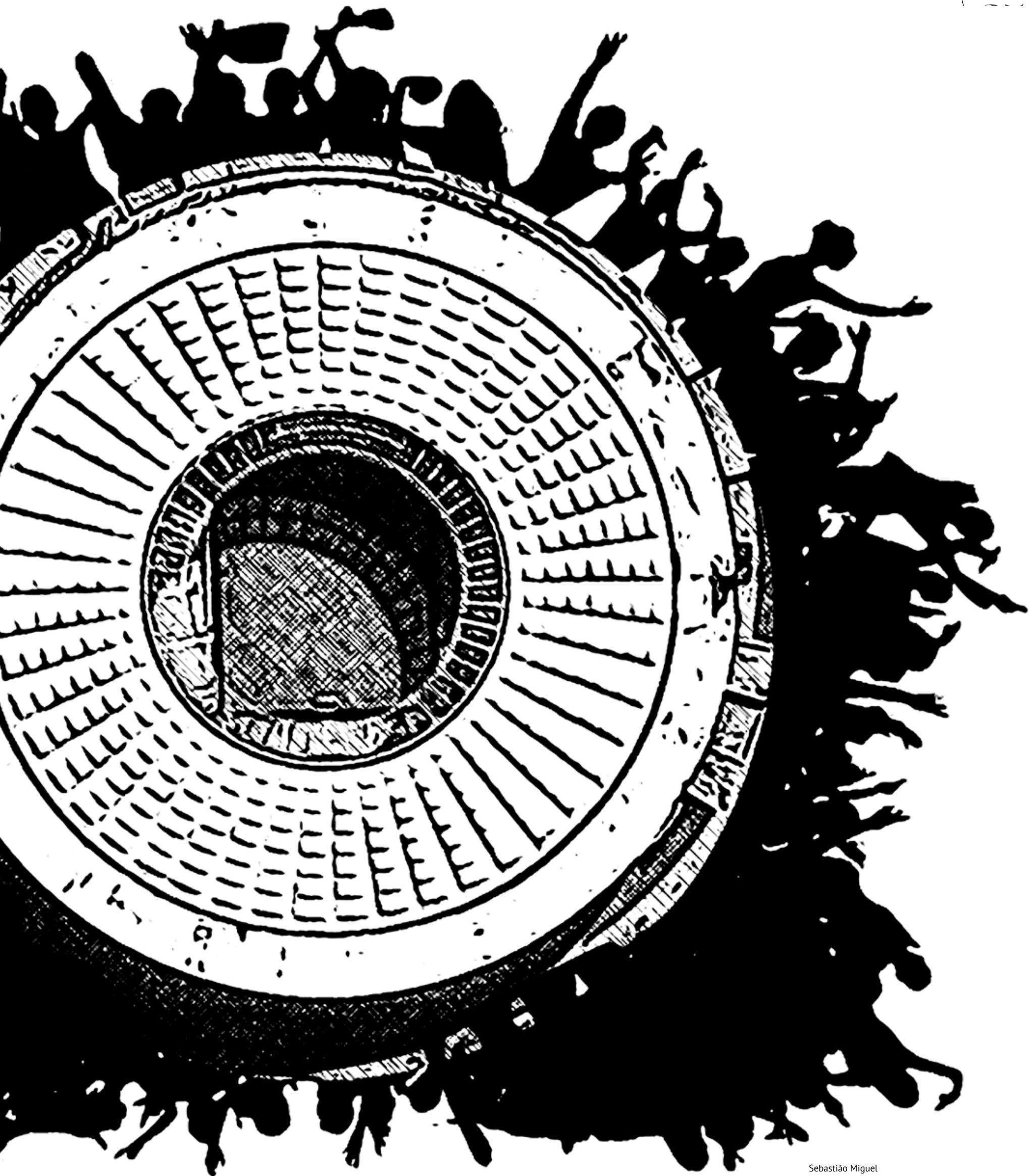
Se antes via a massa de pessoas, agora passa a distinguir os indivíduos. Lembra-se da cifra anunciada no rádio ontem: cerca de cento e trinta mil ingressos vendidos. Um dado assombroso, pois noventa por cento das cidades do mundo não alcançam esse número de habitantes. Difícil calcular em que ponto se encontram. Agora vê somente a parte superior do arco do túnel, e o afunilamento implica menor ritmo de caminhada.

A multidão é maleável. As pessoas se ajustam, observa, do mesmo modo como se ajustam as peças de um imenso quebra-cabeças: em lugar das cinco mil peças de um puzzle que montou há algum tempo com o filho, é um jogo com cento e trinta mil peças, dispostas uma a uma num contínuo rumor, feito de passos, vozes, risos, gritos. A disposição das peças se torna mais lenta; os passos, mais lentos, indicam que podem parar a qualquer instante.

Já não seguem como antes, mas o novo ritmo é fraturado por aqueles que buscam chegar primeiro sem dar a entender que o estão fazendo: ganham posições e avançam lance a lance, ginchando o corpo para o lado onde surgir um espaço – imediatamente ocupado. Ao aproximarem-se da grande boca, o arco parece elevar-se.

Vai de mão dada com o filho, e, numa súbita consciência do vazio, olha para o lado – a mulher. Disfarça o incômodo para que o filho não perceba a ausência da mãe. Tenta olhar por cima das cabeças, deve estar por perto, volta o pescoço algumas vezes para ver se terá ficado para trás. Ela também nos procura, ele pensa, deve andar nas imediações, e a questão agora é: quando se separaram? O tempo poderia dizer algo sobre a distância entre eles. É isso que o absorve, o tempo e o deslocamento. Por não conhecer o lugar, não faz ideia de quanto falta percorrer para chegarem aos assentos, mas ela, claro, ela nos encontrará lá.





Avançam.

A massa mudou outra vez, e os envolve a algazarra de jovens que espocam a tampa de latas de refrigerante e carregam sacos de pipoca. Precisa inclinar a cabeça para não ser atingido pela caixa de isopor levada por um homem que segue ao seu lado e grita água cerveja e refrigerante, num tom de ameaça, pegue agora, depois não vai dar tempo, lá dentro é mais caro, e o incomoda o homem gritar muito perto do seu ouvido.

A palma da mão está suada. Solta a mão do filho e o envolve, passando o braço por trás do pescoço. Estranho, parece mais alto, não vá abraçar um outro, e olha para conferir se é mesmo o seu filho.

O ritmo de deslocamento da multidão diminui; já vão chegar, estão quase lá. Deixaram para trás a grande boca, e ele calcula – tem necessidade de calcular, foi sempre um contador de objetos, de passos, de linhas da calçada, de ladrilhos, um contador de pessoas e de carros –, ele calcula que o túnel tem a mesma largura de uma das pistas da avenida central da cidade. Cerca de vinte e cinco pessoas podem estar ali, lado a lado, como numa manifestação. Só não entende o fluxo contínuo, porque certamente não haverá no final vinte e cinco catracas a permitir a passagem. Isso é o mais estranho, mas guarda a dúvida para si.

Estão há muito tempo no túnel e o rumor cresceu bastante, praticamente duplicou com a amplificação das vozes e a formação de eco. A massa sonora o faz sentir-se fora do tempo, de se desligar do instante e entrar num vácuo de pensamentos. Quase chega a fechar os olhos com a sensação de ser sugado, todos são sugados e andam como se flutuassem, mas esse sentimento desaparece ao tropeçar no calcanhar de um homem. Ambos se desequilibraram, o filho o ampara, e há um murmúrio de desculpas e a situação se ajusta.

Porém, a forma de ser devolvido à realidade tem forte impacto sobre seu estado. É exigido dele que olhe, escute, mobilize os sentidos para não cometer outro erro, como se da flutuação fosse levado a andar sobre um fio sem a possibilidade de desviar-se, aguardado pelo abismo. E o pior é o efeito da demora, um mal-estar que não percebe compartilhado pelos outros.

Movem-se os outros em conforto, sem afobação; de todos o destino parece ser a caminhada. Ele se pergunta se é apenas dele a presunção de que ela se prolonga além do razoável, pois já deveriam ter chegado. Olha para um lado e outro, tentando encontrar alguém que pense como ele, pronto a fazer uma queixa reverberar no meio do grupo, mas não – ninguém parece incomodado. Olha para o filho, pensa em comentar com ele, mas quer poupá-lo de preocupações, e volta a olhar em torno, é preciso sincronizar o olhar e o passo, olhar onde pisa, um rápido olhar para trás, procura ainda a mulher, e prestar atenção adiante, olhar onde pisa, não vá novamente tropeçar, claro, não será no mesmo sujeito, como ele também não se sente a mesma pessoa de antes.

O fluxo altera tudo ao redor, rostos, altura das pessoas, a respiração, o burburinho. Um novo afunilamento e, agora sim, ele divisa o brilho metálico das catracas. Antes delas, volumes de lixo crescem a cada pessoa que é instada a deixar ali garrafa de água, lata de refrigerante e de cerveja, restos de sanduíche, frutas, saco de pipoca; e já se forma uma

poça de lama ao redor do lixo, obrigando as pessoas a um desvio.

Contornado esse incidente, ele entende porque o ritmo não diminuiu, como imaginava: o ingresso funciona como o bilhete do metrô. Já estão ele e o filho inserindo os ingressos na fresta da máquina, e esse gesto renova as forças, pois foi vencida uma etapa. Agora é seguir em direção aos assentos. Logo à frente estarão as passagens de acesso, e ele respira aliviado.

É bom pensar que o sentimento de bem-estar é compartilhado pelos que ultrapassam a catraca. Renova-se o ar, é uma etapa vencida, é... – procura a palavra, ela escapa, levada pelo som dos passos. Pressiona o braço do filho, como se lhe injetasse um sinal de ânimo, e então, ah, sim, a palavra em fuga, é “animador”, é animador ter vencido a catraca e prosseguir. Busca na parede a indicação da passagem de acesso aos assentos, ao longo da parede não há sinal das entradas ainda, apenas o extenso e monótono corredor, com a luz amarela e o rumor incessante.

A atmosfera lhe parece estranha, os receios que flutuavam nas alturas descem como poeira pesada, giram ao seu redor, e a mecânica da respiração sofre um impacto diferente, uma sufocação começa a atingi-lo e o faz buscar apoio no ombro do filho.

Não há mais ombro, ao seu lado o rapaz – e a súbita confusão: primeiro a mulher, agora o menino, e a impressão de sufocamento, de perda da noção de espaço, da noção de pessoa, porque olhar para o rapaz grisalho pouco mais alto que ele, mas tão semelhante, é como se deixasse o corpo para se ver de fora alguns anos atrás.

O rapaz percebe a perturbação do homem cujo corpo sente pesar, e é preciso ampará-lo, sem mudar o ritmo, pois estão no centro da multidão; estivessem próximos à parede, seria diferente. É preciso avançar, e o rapaz o estimula a caminhar e pergunta: o que há, meu pai?, e ele responde: está demorando demais, não vamos chegar nunca? É o contrário, pai, estamos indo muito depressa, talvez por isso essa espécie de enjoo, de náusea, não é? Já vamos chegar. Diz o pai: e perdemos sua mãe, não foi? Eu não quis falar para não assustar você, mas ela se separou de nós.

O filho, como quem já se acostumou, responde: pai, isso foi há mais de cinco anos – e o pai, como quem também já se acostumou a essa resposta, tenta disfarçar, como se os pensamentos apenas estivessem fora de ordem, apenas isso; postos no lugar, tudo tornaria a fazer sentido.

Novo burburinho se sobrepõe, novas ondas sonoras cobrindo umas às outras, e o próprio chão parece perder a solidez que confere segurança a quem anda, torna-se macio como se pisassem num colchão, os pés afundam, sem garantia do próximo passo. A mudança de piso assinala a chegada, logo estarão acomodados, e ele espera suportar esse último esforço, agora que mal sente as pernas e vai sendo pouco a pouco anestesado, está perto, embora nada lhe dê certeza sobre quanto falta para alcançarem, enfim, o local de onde verão o grande espetáculo.

FRANCISCO DE MORAIS MENDES

mineiro de Belo Horizonte, é jornalista e autor dos livros de contos *Onde terminam os dias*, *A razão selvagem* e *Escreva, querida*.

NADA VOLTARÁ A SER COMO ANTES

CONTO DE RAFAEL RODRIGUES

Fui, durante algum tempo, um dos escritores mais talentosos de minha geração. Parece algo grandioso, mas a verdade é que isso nunca foi mérito meu. Afinal, não tive muita concorrência.

Nós, os que nascemos entre o fim dos anos 1970 e o início da década de 1980, não tínhamos muito sobre o que escrever. Não vivemos os anos mais sombrios da ditadura, não sofremos nenhum tipo de censura ou violência, sequer presenciamos algum fato histórico de maior relevância. O máximo que nossa época de juventude nos concedeu foi o impeachment de um presidente corrupto.

Então escrevíamos sobre nós mesmos, colocando em personagens pseudoinventados situações do cotidiano que vivemos ou que nos foram contadas. Alguns, com seus contos ou romances marginais e violentos, queriam ser Rubem Fonseca; outros, em suas obras pirotécnicas e, em alguns casos, ilegíveis, emulavam James Joyce; havia aqueles que, por serem descendentes de europeus, escreviam como autores alemães, menos pirotécnicos mas não menos pretensiosos; entre as mulheres, a situação parecia se dividir entre aquelas que incorporavam o lirismo de Clarice Lispector – ela era uma mestra, mas suas imitadoras, não – e aquelas que pretendiam fazer uma literatura rubemfonsequiana com toques femininos. Não poderia haver panorama pior.

É claro que um ou outro se destacava nesse balaio de clichês, e havia aqueles que corriam por fora, com estilos e influências que não eram assim tão fáceis de identificar, e que, por isso mesmo, demoraram a ser reconhecidos pelos jornalistas da área de cultura – e, conseqüentemente, pelos poucos leitores de ficção nacional que temos aqui.

Eu, diziam os críticos, estava nesse grupo. Alguns afirmavam que meus escritos eram kafkianos, outros diziam que minha literatura parecia ser uma

espécie de “reinvenção do romantismo em um mundo pós-moderno”. Confesso que cheguei a ficar envaidecido com tais comentários, e durante alguns meses fiquei mesmo extasiado com eles.

Para mim, aquilo era a glória. Ser finalmente reconhecido, entrevistado, ver meus livros resenhados em jornais, serem adotados em vestibulares e comprados aos milhares pelo governo era motivo de orgulho. Não apenas de orgulho, mas também de uma espécie de vingança.

Vingança talvez seja – e de fato é – uma palavra forte, mas não me ocorre outra melhor neste momento. Ao evocá-la, lembro-me das pessoas que durante anos me viam como um sonhador, um deslumbrado. Termos suaves para mascarar o verdadeiro adjetivo que era destinado a mim: idiota.

Era assim que eu era visto pela maioria dos que me rodeavam. Eu tinha plena consciência disso, apesar dos inúmeros tapinhas nas costas e das palavras de incentivo que recebia. Portanto, aquele sucesso foi a minha desforra contra os que me consideravam um idiota. Aquelas resenhas e entrevistas, com fotos minhas estampando os cadernos literários dos jornais, eram a minha resposta, eram o meu desabafo.

Mas, depois da bonança, veio a tempestade.

Verdade seja dita, a literatura nunca foi uma boa musa para mim. No início – e eu comecei tarde, aos 17 anos –, ela até me procurava com mais fervor, com mais ímpeto. Mas esse vigor foi diminuindo, até o momento em que era raro eu ter algum lampejo decente, alguma ideia que realmente valesse a pena passar para o papel – ou para a tela do computador.

Tentei de várias formas fazer com que a literatura não fugisse de mim. Primeiro, tentei me privar da escrita por alguns meses e me concentrar nas leituras. Pensava que, dessa maneira, as ideias se acumulariam, e, quando eu enfim me sentasse para escrever, a inspiração viria com uma velocidade e uma violência parecidas com as que, reza a lenda, acometeram a Jack Kerouac quando ele começou a escrever “On the road”. Como vocês podem imaginar, isso não funcionou.

Depois, tentei mudar de ares. Tirei um mês de férias e passei quinze dias na praia e quinze dias numa pequena cidade do interior. Mas nem a tranquilidade praiana nem o ar puro e o ritmo lento da cidadezinha me ajudaram a produzir boa literatura.

Voltei para casa sem saber o que fazer. E, aos poucos, fui deixando a escrita de lado. Completamente.

Anos se passaram sem que eu escrevesse uma linha sequer. Bem, não posso mentir: escrevi, mas apenas resumos, plots, ideias num pequeno caderno... Antes de prosseguir, gostaria de pedir desculpas pela quantidade de detalhes e pela extensão deste discurso, afinal, alguns de vocês conhecem esta história de cor e salteado, pois ela foi noticiada pelos mesmos cadernos de cultura que deram espaço para os meus livros anos atrás. Mas muitos dos que estão aqui presentes não sabem o que passei nos últimos anos, e por isso creio ser importante dedicar alguns minutos a esta pequena retrospectiva pessoal.

Mas voltemos ao pequeno caderno. Os resumos e as ideias se acumulavam. Eu continuava tendo esses espasmos literários, mas não conseguia desenvolvê-los, por mais que tentasse. Era como se a minha musa... era como se a literatura estivesse me torturando com choques elétricos. Não há nada pior para um escritor do que ter uma ideia e não conseguir levá-la adiante. Guardadas

as devidas proporções, comparo esta situação com a de um casal que tem vontade de ter filhos, tenta durante anos conceber uma criança e, depois de algum tempo, descobre que ambos são estéreis. Aliás, talvez a situação do escritor seja pior, porque não é crime adotar uma criança. Já o escritor que cometer a loucura de “adotar” a obra de outrem será acusado e condenado por plágio.

Pareço divagar, mas não esqueci do meu caderninho. Melhor dizendo: dos meus caderninhos. Neles estavam várias ideias, vários resumos para contos, romances, frases soltas e até versos. Há cerca de dois anos comecei a lê-los e percebi que havia a possibilidade de utilizar muita coisa do que estava escrito neles. Mas eu ainda não conseguia desenvolver aquelas ideias isoladamente. O que consegui fazer foi transformar aqueles trechos aparentemente desconexos em uma obra fragmentada porém coesa, um paradoxo que, sinceramente, não tenho a menor condição – nem pretensão – de explicar. Por isso, faço minhas as palavras de um dos críticos que escreveram sobre ela: “não se pode dizer, sobre ‘Todos os dias são iguais’, que é um volume de contos, uma reunião de fragmentos que dialogam entre si ou um romance pós-moderno. O que podemos dizer é que ‘Todos os dias são iguais’ é literatura em estado puro, e que é impossível passar incólume por sua leitura”.

Não tenho a intenção, ao me valer dessa citação elogiosa, de me gabar. Se a destaquei aqui foi apenas para concordar que não vejo como alguém poderia ler “Todos os dias são iguais” e, como diz o crítico, “passar incólume” por ele. Há quem goste, quem odeie, quem não entenda. Mas todo aquele que tem contato com o livro faz questão de emitir alguma opinião. A meu ver, é daí que vem a sua força, desse aparente incômodo que ele provoca.

Para mim, depois de tanto tempo sofrendo pela literatura, ver esse livro publicado e ter todo esse retorno – tanto de críticas positivas quanto negativas – é motivo de alegria. Afinal, nos últimos dez anos fui atormentado pela literatura, pela incapacidade de fazer literatura. Ela me enfeitiçou com seu canto, sua beleza, e tomou tudo o que eu tinha de mais precioso. Ao me dedicar desmedidamente à literatura, ao tentar alcançá-la enquanto ela fugia de mim, eu perdi minha família, meu amor, meus amigos. E, apesar de toda essa repercussão e todo esse sucesso, não tenho como reverter essas perdas. Nada voltará a ser como antes. A literatura me deixou só, a ponto de eu não ter com quem compartilhar as alegrias que esse livro me deu.

E foi por isso que decidi vir aqui hoje.

Eu precisava me vingar da literatura. Eu precisava dizer para todos vocês que a literatura acabou com a minha vida. E que, se eu pudesse, eu acabaria com a literatura. No fim das contas, ela não serve para nada.

Eu não posso nem quero aceitar este prêmio. Eu quero que a literatura se foda.

Obrigado.

RAFAEL RODRIGUES

baiano de Feira de Santana, lançou, em 2011, o livro *O escritor premiado e outros contos* (Ed. Multifoco).

DINIZ
GONÇALVES
JÚNIOR

ROBENAS DE

não me tenho em alta conta
palavra é a cadela
que mais berra
perdi o sono, fechei questão
sambei na linha sublinhada
escaramuça, pica a mula
faz ruído, tenta o eco, esvazia
espantinho, tinta presa
depois o nada

o córrego ipiranga
flui seu código
silencioso
caminho rente
sol ardido, banzo
da tarde de terça
trailer abandonado
loja de autopeças
quixote de radiador
faróis, tanque e
escapamento
distraindo, esqueço
o trânsito da avenida
vertigem, recorde
o jardim da saúde,
um quintal e a pitangueira
do rubens na rua frei rolim

repetir as ruas
como se os passos
riscassem o vidro dos dias
e o mormaço sem mar
queimasse as retinas,
ferrugem da loja
que virou ruína.
a cidade é um cisco
na memória
tudo que traz
é esqueleto já ido.
sobrado, labirinto,
beco sem saída.
resta o pensamento,
a construção no ar,
bola de capotão,
o beijo na festinha de garagem
amigos na fonseca da costa
pastel de feira cura saudade?